

IV Concurso Literário
"António Feliciano Rodrigues (Castilho)"

Tema: "Conte uma História..."

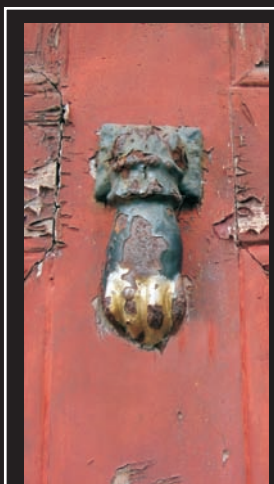
A Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, em colaboração com a *Associação de Escritores da Madeira* (AEM), continua a promover o Concurso Literário "António Feliciano Rodrigues (Castilho)", destinado a incentivar (os seus naturais e todos quantos desejem participar na iniciativa) a população madeirense para a escrita e para a leitura, procedendo, simultaneamente, a uma pública homenagem a um dos seus mais ilustres filhos, o poeta António Feliciano Rodrigues (Castilho), e ao reforço dos seus anais, pela voz genuína do seu Povo, com a recolha de testemunhos sobre a sua História ou "histórias" das suas gentes.

Esta iniciativa tem cativado o interesse de vários entusiastas pelas Letras e que desta forma vêm reavivar memórias deste secular e pitoresco recanto da nossa Cidade do Funchal, revestido do contributo de autêntica vivacidade popular (acontecimentos e vivências inesquecíveis das suas gentes), sendo nosso ensejo continuar a promover este projecto, que se quer cada vez maior.

Edição da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior



com o patrocínio de:



4

Concurso Literário António Feliciano Rodrigues (Castilho) / 2007

4

Santa Maria Maior

COM PALAVRAS NASCEM HISTÓRIAS

4

Breve nota sobre
ANTÓNIO FELICIANO RODRIGUES (Castilho)

O escritor e advogado madeirense António Feliciano Rodrigues, conhecido pelo poeta "Castilho" (pseudónimo que usou em muitas das suas produções literárias, por analogia com António Feliciano Castilho, quase seu homónimo e grande vate do seu tempo, sendo assim alcunhado por colegas desde os seus tempos de liceu), nasceu a 9 de Junho de 1870, na Freguesia de Santa Maria Maior, falecendo, no Funchal, a 4 de Fevereiro de 1925.

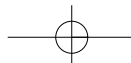
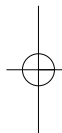
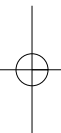
Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra (1897), exerceu advocacia na capital madeirense e foi delegado interino do Procurador da República, docente no Liceu Jaime Moniz e primeiro-oficial da Secretaria da Junta Geral do Distrito do Funchal, assim como habitual colaborador da imprensa local.

Nas actividades literárias, onde se reputou como poeta de respeitável talento, co-dirigiu o almanaque "Lembranças Madeirenses" e publicou, para além dos romances "O Cirurgião de Marenha" e "Martim de Freitas" (com édito no "Heraldo da Madeira"), na poesia, "A Escola" (Coimbra, 1893), "A Consciência" (Funchal, 1897), "Versos para os Meus Filhos" (Funchal, 1910), "Calor de Vidrilhos" (Funchal, 1911), "Canção das Lágrimas" e "Sonetos" (Lisboa, 1916) e, entre outros, "Últimas Folhas".

O seu livro "Versos da Mocidade", publicado em 1903, será porventura o mais popularizado, de entre a sua vasta obra, na Madeira e junto do seu público leitor que se estendia até fora da ilha e do Arquipélago, onde o seu pseudónimo, "Castilho", o tornara figura de relevo cultural com maior impacto no meio social do que o seu próprio nome, utilizado como causídico, António Feliciano Rodrigues, agora oportuna e justamente lembrado pela Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, dando-o como patrono do seu Concurso Literário Popular, assim o recuperando à curiosidade das novas gerações.



Santa Maria Maior
**COM PALAVRAS
NASCEM HISTÓRIAS**



Santa Maria Maior: Com Palavras Nascem Histórias, 4

Edição:

Junta de Freguesia de Santa Maria Maior
*Rua das Murteiras,
Centro Cívico de Santa Maria Maior,
9060-199 Funchal
Tel: 291226683 Fax: 291226692
www.santamariamaior.com
stamariamaior@netmadeira.com*

Coordenação:

Alberto Rufino Fernandes Casimiro,
albertocasimiro.smm@netmadeira.com
Paulo Jorge de Freitas
paulofreitas.smm@netmadeira.com

Colaboração:

Kátia Vasconcelos

Capa e Projecto Gráfico:

Marco António Gonçalves
marcogoncalves@netmadeira.com

Apoio:

Aerportos da Madeira

Impressão:

Editorial Eco do Funchal

ISBN:

978-972-99448-5-7

Depósito Legal:

Edição:

1000 exemplares

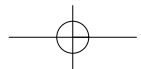
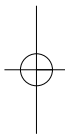
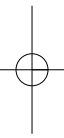
Mai de 2007

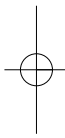
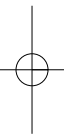
Santa Maria Maior
**COM PALAVRAS
NASCEM HISTÓRIAS**

Junta de Freguesia de Santa Maria Maior

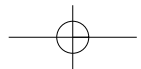
MADEIRA
2007

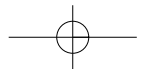
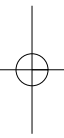
4





INTRODUÇÃO





Recriar o Concurso Literário denominado António Feliciano Rodrigues "Castilho", recorrendo à alteração de algumas figuras regulamentares tendo em vista suscitar uma maior participação de cidadãos, foi um firme propósito objectivado para o IV concurso.

Os resultados obtidos face aos incentivos criados foram excelentes, pois além do número de trabalhos literários presentes a concurso terem quintuplicado relativamente aos anos anteriores, a qualidade foi, na generalidade, elevada pelo que o júri para além de ter galardoado os habituais três trabalhos mais votados atribuiu, pela primeira vez, duas menções honrosas.

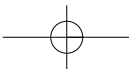
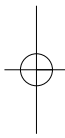
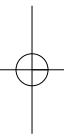
É pois com enorme prazer que vos convido ao deleite da leitura dos trabalhos literários galardoados no *IV Concurso de Literatura António Feliciano Rodrigues "Castilho"*, realizado em 2006 e reproduzidos nesta presente edição de "Com Palavras Nascem Histórias".

Em nome da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, que me honro de presidir, uma palavra de agradecimento a todas as entidades que colaboraram no evento, com particular realce à Administração dos *Aeroportos da Madeira*, empresa que patrocina este evento cultural.

Santa Maria Maior, Maio de 2007

Alberto Rufino Fernandes Casimiro

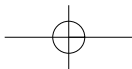
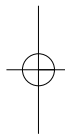
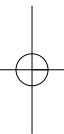
Presidente da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior



MARIA HELENA GONÇALVES

MALDIÇÃO NO CALHAU

1º Prémio



Tempo houve em que as gentes do povoado de Santa Maria do Calhau viviam sem ânimo, apáticas, devotas a uma tristeza tão profunda que se espalhava pelo ar como uma doença, contagiando tudo à sua volta. Nem as flores desabrochavam, nem os pássaros sabiam fazer os ninhos nos beirais das casas, também elas cinzentas e sem graça; os cães e os gatos acabavam por cair de tédio logo ao primeiro arrufo; os dias amanheciam pardos, já cansados, e as horas arrastavam-se como quem carrega um fardo ao qual não se pode fugir. Ninguém sabia explicar a razão de tanta melancolia e, mesmo que o quisessem fazer, os anos de tamanho desânimo haviam encaquilhado a memória.

Os mais antigos, porém, deixavam escapar, por entre rezas e ladainhas, o murmúrio de uma maldição lançada há muitas gerações por uma feiticeira que chegara a viver numa caverna medonha, lá para as bandas do calhau do Toco. Fora por causa de um rapaz garboso, de olhos de coral e caracóis de areia, que, querendo casar com a filha do homem mais abastado da cidade, fizera um pacto com a maldita: o casamento em troca de um segredo bem guardado nas profundezas das Desertas. Acontece, recordam os mais vivazes, que o jovem logo esqueceu a sua promessa perante as riquezas encontradas nos despojos de um barco naufragado. Encheu-se de dobrões em prata e ouro, descobriu porcelanas da *Companhia das Índias*, tornou-se rico e cada vez mais ambicioso. A vingança da feiticeira não se fez esperar. Durante muitos anos, as pessoas lem-

braram o dia do seu casamento com um arrepio na espinha. A estranha mulher surgiu do nada, mesmo no meio do adro da Igreja do Socorro, e, fulminando o casal, rogou:

- Mil promessas farias, mil tormentas passarias.
Teu sangue não vingará, nem sol teu filho verá.
Almas e céus fechados ficarão,
até que em altar santo repouse real coração.

E desapareceu tão repentinamente como surgira, deixando noivos e convidados boquiabertos. O certo é que a partir daí, uma massa espessa de nuvens carregadas passou a cobrir só aquela parte da cidade, e o mar, outrora manso, atiçava grandes ondas contra a costa, virando as frágeis canoas e ameaçando engolir os corpos daqueles que se atreviam a procurar alimento no seu colo. E os homens foram assim também perdendo a cor nas suas faces e na alma.

Contam que durante uma noite de tormenta, em que ninguém dormia, se ouviram gritos lancinantes misturados com o gemido ensurdecedor das vagas e do vento. Era o rapaz de olhos de coral e caracóis de areia. A mulher havia morrido ao dar à luz, levando com ela o seu primogénito e a esperança de homem novo. Diz-se que a sua alma envelheceu nessa noite e que o corpo foi encontrado, dias depois, junto à escarpa do Pináculo.

Com o passar das gerações, as profecias da feiticeira foram-se esboroando nas histórias sussurradas, em noites de lua cheia, até que se tornaram líquidas e vagas na memória dos mais novos, tam-

bém eles frouxos na vontade como os seus antepassados.

Só Pedro Gaivota parecia ter nascido imune a tal melancolia. Petiz trigueiro, de cabelo eriçado e amarelo de tanto sal, cara sardenta, nariz arrebitado e olhos dourados, todo ele desafiava aquela palidez que o rodeava. Era vivaço, brincalhão, falador e muito curioso. Nunca parava quieto e, ao verem-no rindo enfrentando o vento nos baixios, as pessoas comentavam, fazendo justiça ao seu sobrenome:

- Parece mesmo um pássaro doido em dia de ventania.

Quando não estava na escola, passava as tardes ora catando o calhau à procura de caramujos, ora ajudando o Manel da venda com as sacas de arroz. Esgotava o pouco fôlego do Pe. Celestino com perguntas sobre os mistérios de Deus, antes da missa de domingo, e estava sempre pronto para escrever as cartas que a Tia Tomásia ditava por entre fungadelas e suspiros e que iam seladas com beijos melados para o seu filho emigrado na Venezuela.

- Tens um coração de oiro, meu menino! - dizia o velho Serafim, passando os dedos pelo cabelo desalinhado. - Só tenho pena que também tu estejas amaldiçoado como todos nós. Que desperdício!

Pedro Gaivota ouvia constantemente estas lamentações, até que um dia se encheu de determinação e propôs:

- Oh Ti Serafim, de hoje não passa. Vai contar-me essa história da maldição do princípio ao fim.

O marujo arregalou os olhos embaciados para o menino, assom-

brado pela sua valentia.

- Meu rapaz, tem juízo. Olha que não são coisas para falar assim à boca cheia. Não é bom... - sentenciou, hesitando nas explicações. Mas Pedro era inteligente e sabia como dar a volta ao velho lobo-do-mar que, apesar do seu ar ressequido, chorava com as histórias de príncipes e princesas inventadas pelo seu jovem amigo.

- Sabe, Ti Serafim, é que eu confio muito na sua sabedoria. Prefiro que seja vossemecê a dar conta do caso. Ficarei mais e melhor esclarecido.

O velho encheu o peito de orgulho e, com ar lisonjeado, perguntou:

- Mas, afinal, o que queres saber?

Resultara! Pedro Gaivota estava prestes a saber por que razão as pessoas viviam tão infelizes.

Afinal, a mulher de cabelos negros e compridos como um manto de morte vivia só, tendo apenas como companhia uma cabra malhada de olho malino e os morcegos dos rochedos. Ninguém lhe conhecia família nem amizades e ela própria evitava a todo o custo conversar com alguém quando acontecia ir ao Mercado comprar ervas de São Roberto e azeite de louro. As gentes dessa altura estremeciam de temor, tomando uma distância segura enquanto acompanhavam com olhar hipnotizado aquele corpo alto e esguio, que se movia como uma sombra. A imagem negra e

fechada sobre si própria, envolta num xaile coçado por anos de pobreza e solidão, tornava-se ainda mais assombrosa pela companhia inseparável da cabra. No seu trote miudinho, que fazia tinar um guizo nervoso, prendia o olho amarelo bifurcado em todas as pessoas como se conhecesse os segredos mais íntimos das suas almas.

Depois do episódio da maldição, não foi difícil convencer os mais assustados de que aquela mulher estranha era a origem de todos os males, desde o surto de "bexigas loucas" ao "bucho virado". E assim ganhou fama de feiticeira, noiva do diabo, que em noites enluaradas bailava desgrenhada à volta de uma fogueira.

Pedro Gaivota escutava extasiado a narrativa do velho Serafim. Nas partes mais excitantes, emprestava um tom tenebroso, carregando as sobrancelhas numa careta medonha. Quando o homem terminou, o rapaz perguntou-lhe de enfiada:

- E a feiticeira, o que lhe aconteceu?

Serafim encolheu os ombros e lançou um olhar enigmático até à linha do horizonte:

- Ninguém sabe...

E, de facto, nunca ninguém chegara a saber da angústia profunda daquela mulher que um dia perdera o grande amor da sua vida em guerras além-mar. Ela quisera recuperar o que restava da alma do povo português. O mundo não a compreendeu. Condenou-a à solidão e ela perdera-se na bruma do esquecimento!

Nessa noite, Pedro deitou-se mais pensativo que nunca. Teve um

sonho estranho. Sonhou que viajava no dorso de uma tartaruga malhada de olho amarelo e bifurcado, com um guizo ao pescoço, pelo fundo dos mares. Viu barcos naufragados, cujos esqueletos amontoados e carcomidos pelas cracas faziam lembrar um campo de batalha. Assistiu à dança prateada de cardumes que, tal como nuvens, tomavam formas esquisitas, de cavalos em contínuo tropel. Encontrou, por fim, lá nas profundezas, um rochedo tão bonito, tal e qual uma capelinha. Sobre o que seria a nave principal, jazia uma âncora enferrujada onde se podia ver gravada uma chave com três cabeças. Eis então que as águas se agitaram, surgindo uma figura alta e esguia envolta num manto comprido de cabelos de corvo que esvoaçavam como fantasmas. Pedro Gaivota quis fugir, mas o turbilhão das águas arrastava-o cada vez mais para o fundo... Acordou sobressaltado, ainda com as palavras da feiticeira a martelarem na sua mente: "...até que em altar santo repouse real coração".

Com as ideias aclaradas pela aurora, e como rapaz inteligente que era, Pedro Gaivota logo percebeu que a resposta ao mistério só poderia estar num lugar. Poucas horas depois, descia a passo largo a Rua de Santa Maria, palpando no bolso da calça curta o volume da grande chave da portada gótica da capela do Corpo Santo. Sentia-se feliz e ao mesmo tempo com remorsos por ter mentido ao Pe. Celestino, tão seu amigo.

- Ai senhor padre, os santinhos devem estar mesmo a precisar de sacudir o pó e as teias. - dissera o rapaz ao bondoso vigário que logo concordou, piscando os seus olhinhos de rato por detrás das lunetas redondas. Sim, já era tempo. Daí a umas semanas chegariam as Missas do Parto e havia que ter tudo em

ordem, a brilhar para a Festa!

Já no adro da capela, Pedro reviu o que Serafim lhe havia contado no dia anterior, assim como, os pormenores do seu sonho. Sentia-se confiante quando fechou a porta atrás de si. A luz baça que entrava pelas janelas rectangulares esbatia-se nos contornos das imagens, deixando a parte inicial da capela-mor perdida na sombra. Accionou o interruptor e o clarão amarelo dos candelabros suspensos trouxe algum calor ao lugar.

Iniciou a busca no altar de talha dourada, batendo nos painéis, procurando alguma saliência estranha por entre os torneados. Espreitou os nichos dos santos e afastou pinturas. Procurou na sacristia, dentro da "Arca das três chaves", que outrora fora o sustento de órfãos e viúvas. Nada! Começava a desistir quando, olhando em volta sem saber o que mais fazer, prendeu os olhos na roseta sobre os portões. A luz coada pelos vitrais entrava toda ela concentrada num feixe certo. Olhou para o extremo oposto, seguindo o rasto de luz. Por sorte, coincidência ou destino, o raio iluminava a pintura do altar-mor onde, sobre ondas alterosas, o orago da capela protegia caravelas e mareantes.

- São Pedro Gonçalves Telmo! - murmurou o rapaz, assombrado pela visão radiosa do santo padroeiro, conhecido por salvar as gentes marítimas da fúria dos mares. Correu para o retábulo e começou a tactear uma a uma, as sete tábuas magnificamente pintadas. Até que, por fim, uma delas cedeu, deslizando para o interior deixando antever uma inscrição gravada em baixo-relevo num bloco de cantaria:

*"Em noite cheia, alma nobre e pura
esquecida de antiga desventura
segue candeias salgadas até longo rochedo
sulcando os mares para sul
Onde alvas asas guardam Coração Real de sangue azul."*

Sim, só poderia ser o tesouro de que falara Serafim, o tal que dera origem à maldição. Olhando melhor para a pedra, percebeu que podia ser removida. Pressionou uma vez e ela saltou para a frente com um rolar suave, deixando antever uma câmara vazia, avulhada, onde era suposto haver algo de muito valioso. Pedro entendeu então que tinha de encontrar o "Coração Real" e quebrar para sempre a maldição.

Estava decidido. Ele e o Tio Serafim iriam desvendar o segredo que envolvia o sétimo rei da Dinastia de Avis. Só teriam de esperar pela próxima lua cheia. Não foi fácil convencer o marinheiro a embarcar na aventura, mas assim que o dia chegou o velho estava tão excitado como nos tempos da caça ao cachalote. O homem inquietava-se porém com tal empresa.

- Onde havemos de procurar, Santo Deus?

Pedro, que andara dias a fio a dar voltas à cabeça encaixando as peças do puzzle, falou com a certeza de quem já desvendara o enigma:

- El-rei D. Sebastião quer voltar para junto do seu povo! - revelou

solenemente. - Só temos de seguir a rota das tartarugas marinhas ao largo das Desertas.

O velho Serafim teve um baque. Ele bem que conhecia as figuras fantasmagóricas que acompanhavam os barcos nessas noites de luar. As carapaças das tartarugas adquiriam um brilho fluorescente, o que para muito marinheiros era premonição de desgraça. Aos seus ouvidos voltaram os lamentos e as ladainhas assustadas dos seus companheiros em honra da Virgem, enquanto os animais se afastavam no negrume do oceano.

- Com mil coriscos! Tens mesmo a certeza que não seremos endemoninhados? - perguntou, como que a querer desistir. Pedro Gaivota olhou-o fixamente:

- Estamos cansados de viver a preto e branco!

A viagem foi planeada e organizada em segredo. Com a autorização dos pais para acompanhar o Ti Serafim na colocação de covos para os polvos, Pedro lá seguiu no velho barco a motor de proa colorida, onde se destacava o nome "Volta para trás". Era uma traineira pequena que passava agora os dias a baloiçar frente ao calhau do Arsenal.

Partiram ao início da tarde. Olhando para terra, Pedro via o manto cinza e espesso, que abafava a sua casa e as pessoas da sua vida, ficar cada vez mais longe. Chegaram à Deserta Grande era já noite. Lançaram âncora e aguardaram. Um nevoeiro húmido envolveu o barco num silêncio só de vez em quando quebrado pelo grito das cagarras.

Por fim, surgiram os primeiros pontos luminosos e bruxuleantes, no baloiçar das ondas. Tiveram de seguir as tartarugas de perto, devido ao nevoeiro cerrado. O motor trepidava baixinho, fazendo a quilha rasgar a água com um borbulhar suave. Andaram durante duas horas ao sabor das carapaças brilhantes, até que todas elas desapareceram sob o tapete lustroso das águas.

- É aqui! - gritou o rapaz, ajudando o velho companheiro a lançar a âncora.

Nesse momento, o nevoeiro levantou e o luar descobriu a escarpa imponente caiada de tons metálicos. Era o Bugio, o ilhéu mais afastado, mais íngreme e mais acidentado dos três. Assemelhava-se a uma lâmina a rasgar o mar. Transferiram-se logo para a pequena canoa que seguia atrelada e remaram até uma faixa estreita de calhau. Havia um carreiro escavado na rocha até ao cimo, onde a cruz colocada por antigos navegadores os chamava como um íman. Treparam o caminho quase de gatas e, mesmo o Ti Serafim, cujo velho coração já esquecera as aventuras da juventude, sentia-se hipnotizado.

Quando atingiram o cume, uma brisa nervosa fez arrepiar as ervas ralas e rasteiras. Sobre um amontoado de rochas, erguia-se o crucifixo, determinado em desafiar tormentas e vendavais em nome da fé. Serafim ajoelhou-se com as mãos para o céu, enquanto Pedro olhava em redor à procura de um ninho de andorinhado-mar - quem sabe! - à lembrança das "*alvas asas*" referidas na inscrição da capela.

Seria, porém, o velho marujo a dar com o achado. Um tufo de

açucenas brancas tremia no abrigo de uma espécie de concha formada por rochas. Serafim logo lembrou que o monarca, quase uma criança ainda como Pedro Gaivota, morrera puro e imaculado. Com cuidado, o rapaz introduziu a mão até ao fundo da cova, sentindo na ponta dos dedos a frieza do metal. Escavou mais um pouco o areão e conseguiu retirar uma pequena caixa de latão já esverdeado pela acção da maresia. De joelhos, a tremer, debruçaram-se sobre o cofrezito que se abriu facilmente ao levantar a lingueta da fechadura. Bem no centro, uma pedra vermelha e translúcida faiscou à luz da lanterna a petróleo.

- Aqui está o "Coração Real", o rubi em forma de estrela, incrustado no punho da espada de D. Sebastião antes de partir para Alcácer-Quibir! - sussurrou o velho, deixando escorrer lágrimas emocionadas pela sua face curtida de sol e de amarguras. - Todos pensam que é uma lenda, porque nem o corpo do Rei Desejado nem a sua espada foram jamais encontrados.

Pedro Gaivota também mal conseguia falar. Foi com uma voz soluçada que pediu ao companheiro:

- Vamos, velho Serafim, vamos para casa. Um coração encantado irá finalmente descansar para bem das nossas gentes.

Ao deixarem o ilhéu, um som cortou a noite como prenúncio de uma nova alvorada. Ouviram nitidamente um guizo a chocalhar. No cume, junto à cruz, a sombra de uma cabra recortava-se contra o céu estrelado.

A viagem de regresso foi rápida. O barco deslizava ligeiro com

o vento a favor, como se desejasse também chegar a casa. Já as nuvens opacas se haviam inchado de um clarão esbranquiçado, quando arrastaram a gasta canoa pelo calhau acima.

Combinaram encontrar-se no adro da capela ao meio-dia. A essa hora, a D. Rosália, senhora de muitos achaques e terços, estaria a substituir os círios. Bastaria ao rapaz oferecer-se para entregar a chave ao padre na casa paroquial.

Assim que a mulher saiu e virou a esquina em direção à Travessa dos Escaleres, Pedro e Serafim, com o cofre debaixo do braço, entraram no templo, fechando as portas. O rapaz tocou ao de leve no peito do santo padroeiro, accionando o mecanismo. Retirou a pedra, perante o olhar incrédulo do marinheiro.

- Agora é contigo, Ti Serafim - disse, indicando o espaço côncavo.

- Não, terás de ser tu a fazê-lo. Só quem for puro de alma e de corpo tem o poder de quebrar a maldição - explicou o velho.

Pedro Gaivota pegou na jóia como quem segura o ar e introduziu-a no interior da parede, pressionando depois a tábua deslocada. Aos poucos, começaram a ouvir um burburinho lá fora, de gente que se cumprimentava e conversava animadamente. Em pouco tempo, o bulício de vozes e de risos de crianças aquecia, pela primeira vez em muitos anos, a frieza das paredes de pedra da capela.

O sol irrompeu arrojado pelas janelas e eles correram a abrir as portadas de par em par, deixando-se atordoar com a explosão de luz

e cor. O verde das plantas parecia explodir; as buganvílias pesavam de cor malva; os pássaros esvoaçavam num chilrear endoidecido; as lavadeiras espantavam derretidas para a brancura dos lençóis. Falava-se já em arraial com coreto e banda. E o perfume?! Sim, agora cheirava a mar e a vida!

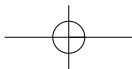
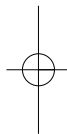
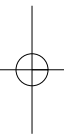
Pedro virou-se para Serafim com as faces vermelhas de excitação:

- Nunca mais haverá feiticeiras nem maldições a escurecer o dia de amanhã!

O outro sorriu com olhar grato. As suas palavras saíram doces e calmas:

- Obrigado, pequeno, por acreditares quando todos desesperavam e por amares quem nada podia retribuir. Atenta no que te digo: coração de homem bom e valente será para sempre guardado e honrado... Por mim, e por este povo!

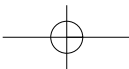
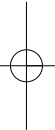
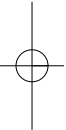
Ele suspirou. Os homens da beira do calhau estavam finalmente reconciliados com os céus e com o seu destino.



GRAÇA ALVES

ENTRE O TEMPO E O MAR

2º Prémio



Voltei gaivota, porque mar, porque céu, porque rochas. Voltei gaivota porque ilha, porque saudade. Voltei gaivota, porque sim. Ponto.

Dizem as outras gaivotas que assobio modinhas antigas, como dantes, como quando fazia recados à minha mãe e encantava a rua com guitarras na voz e, no peito, pétalas de música que pendurava nos beirais. Do meu corpo, guardo apenas uma covinha no queixo (isto se as gaivotas tiverem queixo!) e o olhar gaiato que, antigamente, enfeitiçava as raparigas. Voltei. Apenas porque era hora de voltar. Vim dar um beijo a esta ilha onde não vim morrer, quando ainda me chamava Max e enganava as tristezas com uma anedota e uma gargalhada. Ouviste-a, Fred? O mar repetiu-a, agora, contra o pontão da Barreirinha.

Cresci aqui, entalado entre as dificuldades dos anos 20, a morte do meu pai e a loucura de um sonho que tinha a noite por companheira e que, no dizer da minha mãe, me havia de perder. Talvez o Jimmy me entendesse. Talvez a Bertine - uma menina, nesse tempo. Talvez os que abriam as janelas desta freguesia que tem nome de Santa, só para me ouvir passar. Talvez o sol que acendia o Corpo Santo e me acompanhava até à Alfaiataria do Sr. Vieira.

A minha mãe tentou, mas não deu certo. A minha vida não estava na agulha e nos cortes de fato, mas na alma que a minha voz ganhava ao cantar:

- A mãe vai arranjar uma arte para aprenderes e, mais tarde, ganhares a vida.

E arranjou: eu queria ser barbeiro e fui alfaiate. Pode ser que assim. Os meus irmãos eram mais novos e cabia-me ser o homem da casa. Talvez a Bertine tivesse tido uma vida melhor, talvez o Jimmy pudesse ter ido mais longe, nas asas do seu piano. Mas não. Porque eu queria ser músico sem conhecer o solfejo. Queria apenas cantar e ser feliz.

Eu sabia, Fred, que esse havia de ser o meu destino. Era apenas um miúdo quando ouvi as palmas no Praia Ocidental e me embebedei de futuros que não podiam ser encerrados nos alinhavos de um fato. Teria, o quê? Catorze anos, talvez.

Depois, foi acontecendo. Se eu tivesse aprendido inglês, diria que a minha vida foi uma sucessão de happenings. Mas nunca aprendi. Houve tempos em que tive pena. Agora, não. As gaivotas falam a língua marinha do azul e do vento. Por essa altura, no tempo dos clubs e dos bares, eu tinha a universalidade dos artistas e bastava-me entregar-me a cada fado, a cada samba, a cada bolero e cantar na língua que o coração me ditava para cada melodia. E fui feliz, juro que sim, mesmo quando a minha mãe mandava calar o gramo-fone e emudecer a minha voz e a do meu irmão:

- Estamos a ensaiar, mãe. Já estamos a acabar.

Quando a guerra chegou e enquanto Hitler inventava novas loucuras, eu cantava por aí, no Miramar, no Belavista, no Flamingo. E era a noite que me ocupava os dias e a bateria dos Boys que tocava

dentro de mim.

Lembras-te do Tony Amaral? Quando fomos para Lisboa, o mundo abriu-se em risos, em amigos, em convites. Posso confessar-te agora, Fred, (porque entre gaivotas não há lugar para segredos) que me custou perder a ilha para o mar. E ele venceu, como sempre tem vencido. Agora, também. Doeu-me o abandono. E levei "saudades prá vida inteira/ E um beijo seu prá viagem". Guardei-o no meu peito até hoje, ao abrigo da morte e do tempo, ao abrigo de mim.

Voltei, hoje, para o devolver

Foi Lisboa que me recebeu. Era ela que cantava comigo as canções doridas de quem perdeu a terra, o chão empedrado e luzidio da rua, o luar apertado nestas ruas estreitas.

Vamos, Fred, vamos descer a rua de Santa Maria. Vamos lá abaixo ao Corpo Santo. Não está ninguém. Melhor assim. Vê, naquela casa ainda mora a Bertine. E eu sinto o meu cheiro naquelas paredes, um cheiro a passado, um cheiro a saudades.

- Bertine

- Quem me chama?

- Ninguém, minha irmã, era só para ouvir a tua voz.

Só ela parece ainda lembrar-se de mim, do cantar que lhe aquecia a infância dura daqueles anos. Só ela parece ter a minha memória a percorrer-lhe as levadas do rosto, a magoar-lhe as mãos que o tempo foi esculpindo.

De que serviria, agora, ter o meu nome escrito, numa parede

qualquer? De nada. Porque nestas ruas, ficou gravado o meu fado, escondido nas guitarras esquecidas que moram nessas casas velhas, nos cabelos brancos dos velhos que derramam o seu cansaço nos lençóis escondidos atrás dessas paredes, nos discos que, apesar de tudo, me permitiram ficar, nos amigos que marcaram os meus caminhos.

Estive aqui por empréstimo. Porque, na realidade, eu não era daqui. Vivi os sonhos nesta terra, realizei-os do outro lado do mar. Levei comigo a Mula da Cooperativa escondida num barrete de vilão, fiz o Sinal da Cruz, dancei o Cha-Cha de Lisboa, fui o Magala e enganei o sargento que me baralhava sempre os lados. E venci as guerras, enfrentei os gigantes, ganhei dinheiro, Fred. Até a morte se rendeu a mim.

Agora, sou gaivota. Como tu. E vim fazer as pazes com esta terra que me quer esquecer. Olha, sou eu, ali, na esquina. Ou o que eu fui, antes de ser quem sou, mistura de terra e de mar, mistura de tempo e eternidade.

No meu tempo, isto não era assim. O calhau era mais perto, as mulheres ainda seguravam as paredes das casas, com os braços cruzados sobre o peito e os homens ainda viviam das ondas, das marés e dos ingleses. No meu tempo, o mundo ficava longe e não havia criados fardados às portas dos restaurantes, porque não havia restaurantes. No tempo em que eu tinha nome, falávamos para afastar o silêncio e assobiávamos para não ouvir os gemidos das tempestades nos Invernos.

Vamos, Fred. Já não me reconheço nos vidros das janelas, já não me encontro nestas ruas. Morri, Fred. Talvez alguém se lembre de

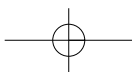
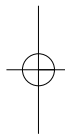
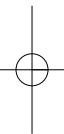
mim em Lisboa, os nos Estados Unidos ou no Canadá, mas aqui sou o busto que plantaram naquele canto, sou o cantor da Pomba Branca e, como ela, ando a perder o meu voar.

Por onde andará a Rosinha dos Limões? Vamos à procura dela. Agora podemos, porque somos mar e terra, tempo e eternidade.

Vamos embora, Fred.

Espera: falta escrever o que falta:

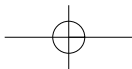
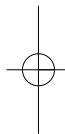
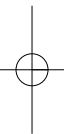
Voltei gaivota, porque tenho muitas saudades de mim (Maximiano de Sousa: o que nasceu aqui em 1918, o que se fez por esse mundo e se transformou gaivota em 1980).



CLÁUDIA FARIA GOUVEIA

HILL E AMÉLIA

3º Prémio



Mathew Hill chegou ao Funchal no dia 24 de Dezembro de 1807. O mar estava calmo, azul, tão azul como nunca tinha visto. A esquadra inglesa era composta por três naus, quatro fragatas e dezasseis navios com tropa, num total de mil soldados. O comando desta força naval estava nas mãos de William Carr Beresford.

A aproximação à ilha fez-se desde madrugada. Mathew deixou-se ficar no convés. A vista tirava-lhe a respiração. O anfiteatro, o casario disperso e o verde, sim, o verde luxuriante, fascinavam-no. Depois de muitas semanas em alto mar a paisagem da Madeira era reconfortante.

Quando se aproximaram do Funchal, a cidade acordava ainda. O povo ribeirinho, habituado ao intenso movimento do porto funchalense, saía de casa e embrenhava-se nas suas actividades rotineiras sem prestar atenção ao comboio naval que entrava ilha adentro.

A pouco e pouco e com o chegar da hora do almoço, o burburinho na capital foi crescendo. Algo se passava! Tanta embarcação assim, era mau sinal. Não se conseguia ver de onde vinham, uma vez que estavam fundeadas ao largo. A curiosidade era geral e aumentava a cada instante. Contudo, ao início da tarde, tudo se revelou. Ao Governador Civil, Pedro Bacelar, chegou uma carta exigindo a capitulação da ilha no espaço de meia hora, caso contrário, muito sangue seria derramado. A confusão foi imediata!

Todos, pequenos e graúdos, correram para suas casas, transmitindo a novidade. Temia-se o pior. A cidade ficou quase deserta, apenas os empregados oficiais se aventuravam no cumprimento das suas funções. As lojas foram-se fechando quase intuitivamente, as tabernas e as igrejas também.

Amélia também decidiu ir para casa. Trabalhava na casa do Sr. Temple, comerciante de vinhos estabelecido na praça funchalense. Este, obedecendo às ordens do Cônsul, levava a família para a propriedade que tinha no Monte, deixando deserta a casa do Funchal. O melhor era ir com a sua avó. Quando chegou ao largo do Corpo Santo, algumas pessoas ainda se encontravam por lá. A conversa era obviamente sobre a chegada das tropas inglesas. A grande maioria ainda se lembrava da ocupação de 1801.

- Só faltava mais esta!... - diziam alguns.

- Lá vamos nós outra vez! Já não basta os ingleses que temos, agora ainda vêm mais... - contraponham os mais contestatários.

- Cruzes, credo! *Tejam pra* aí calados - disse Amélia. - Até parece que os ingleses lhes fazem mal. Se eles cá *tão* é porque se passa alguma coisa!

-Pois claro! Não fosses tu a mocinha dos Temple! Se não defenderes o patrão como há-de ser.

- Vocês são mesmo uns ignorantes! Fiquem sabendo que eles *tão* cá para defender a nossa terra e a gente todos!

- Oh rapariga, toma juízo! O que eles querem é a nossa terra. Querem-na para eles!

De repente, Amélia ouviu a voz da avó. Deixou o grupo e foi ao encontro desta. Apesar de preocupada, fez questão de a sossegar. Os ingleses estavam aqui para ajudar. O melhor era se preocupar com a janta e já agora adiantar o bordado. A neta da Sra. Temple não tardaria a nascer e o enxoval ainda estava longe de estar terminado.

Entretanto, a cidade fervilhava de rumores e movimentações. Para espanto da grande maioria da população, as tropas procederam ao desembarque, tendo ocupado os fortes da cidade.

Amélia tinha vindo à janela quando ouvira um barulho de passos. Baixou-se e ficou à escuta mas não entendia quase nada. Estes homens falavam depressa e o seu inglês, ainda muito rudimentar, não lhe permitia perceber o que diziam. Cada vez vinham mais homens e mais carga. Todas as portas do forte de S. Tiago estavam abertas e o corrúpio de homens era intenso. Uns altos, musculados, outros mais baixos, de menor porte, mas todos loiros. Amélia nunca tinha visto tantos cabelos loiros juntos. Mas, vencida pelo cansaço, Amélia acabou por apagar a vela, fez a sua oração e foi dormir.

Na manhã seguinte, nas ruelas que circundavam o forte, todos acordaram com a grande novidade. A fortaleza tinha sido ocupada, disso ninguém tinha dúvida. Todos tinham ouvido e visto a enorme movimentação de soldados. O barulho que se prolongou durante a noite, pouco habitual nestas gentes que se deita com o pôr-do-sol para se erguer cedo, mal o sol se levanta, incomodou e despertou a

curiosidade de todos.

Pressionado pela população, que queria saber o motivo do desembarque de tantos soldados, o governador civil, passados dois dias, comunicou oficialmente que tinha sido obrigado a assinar a capitulação, entregando, assim, a ilha ao comando das forças britânicas. Explicou que as propriedades públicas seriam entregues, sendo, no entanto, respeitadas a propriedade privada, a religião e as leis do país. Que insulto! Uma vez mais a Grã - Bretanha ocupava a Madeira. A grande maioria dos madeirenses, sobretudo os mais letrados, não aceitava o facto e pedia explicações a Pedro Bacelar. Mas não havia nada a fazer. Beresford ocupara o Palácio de S. Lourenço, içara a bandeira inglesa em todos os fortes e publicara uma proclamação que estava exposta em todos os edificios públicos, portas e igrejas. Todos os magistrados e pessoas com cargos e, por último, toda a população madeirense, foram obrigados a prestar juramento de fidelidade a sua Majestade Britânica, reconhecendo-o assim como seu Soberano.

Apesar da grande maioria das pessoas se sentir ultrajada, não havia outra alternativa. Os mais ilustres da terra, mais conhecedores, tinham muita dificuldade em aceitar a soberania inglesa, mas para Amélia e os vizinhos do calhau de Santa Maria, já não era a primeira vez que isto acontecia e, os ingleses acabariam por ir embora. "Só ficariam os senhores do vinho e os coitadinhos dos doentes", assim sossegava Amélia, a avó e as vizinhas que tinham vindo bordar para a soleira da sua porta.

No dia em que chegou ao forte, Hill nem teve tempo de apreciar o casario e as ruelas e becos que circundavam o edifício. A sua

função era tomar conta dos mantimentos e certificar-se que havia comida e bebida para todos e, por isso, os primeiros dois dias foram passados enfiado dentro da fortaleza, supervisionando e anotando todos os mantimentos que tinham vindo nas embarcações para assim verificar o que faltava para os poder adquirir na capital funchalense.

No dia 27 de Dezembro, Hill levantou-se cedo, tomou o pequeno-almoço e logo saiu para a rua, levando consigo o cabo Edward Johnson. O céu estava cinzento, havia poucas nuvens e, passados alguns instantes, começou a cair uma chuva miudinha. Hill abriu a porta lateral do forte e seguiu em frente. Reparou nas casas todas juntas umas às outras, quase todas de um só piso, com porta de madeira com dois postigos. Reparou na pedra que rodeava as janelas e as portas, ora preta ora vermelha. Nunca tinha visto este tipo de construção. Avançou sempre e chegou ao largo e à Capela do Corpo Santo. Achou interessante o campanário e tomou nota das linhas sóbrias e singelas. Uma vez mais reparou na pedra preta utilizada nos remates. Olhou à esquerda e viu o calhau. Alguns barcos estavam varados e esperavam o dia de trabalho. Deteve-se por alguns instantes, tentando imaginar as pessoas que viviam nas casas por onde havia acabado de passar. Veio-lhe à memória Londres, o seu casario e o Tamisa. As diferenças eram enormes, mas sentia que o Funchal era um local acolhedor. Mas logo teve de seguir caminho em direcção ao centro da cidade. Esperavam-no no Palácio de S. Lourenço e não podia chegar tarde. Verificou se levava os apontamentos que havia feito no dia anterior e acelerou o passo. Alguns alimentos estavam em falta, mas mal sabia o capitão Hill o quanto

seria difícil encontrá-los em quantidade suficiente. Foi informado que a falta de viveres era um grave problema da Madeira. Além disso, a escassez de moeda e a conseqüente inflação dos preços eram igualmente realidades a ter em conta.

Logo após a sua primeira visita pelas casas comerciais funchalense, Hill conclui que não havia possibilidade de abastecer adequadamente as tropas inglesas. Além de se deparar com uma acentuada escassez de alimentos, enfrentou igualmente alguma hostilidade por parte dos comerciantes locais, pois muitos se recusavam a negociar com o usurpador. Tudo isto levou a que Beresford tenha considerado a compra de carne a Marrocos ou aos Açores, onde os preços eram francamente mais acessíveis.

Com o passar dos dias, os madeirenses foram-se habituando aos soldados ingleses. As gentes do calhau deixaram de estranhar o movimento mais acentuado que ocorria entre as fortalezas de S. Tiago e S. Lourenço. Salvo alguma bebedeira com direito a serenata, não tinham queixas destes novos vizinhos.

Hill ia de dois em dois dias a S. Lourenço. Saía habitualmente ainda o sol não se tinha levantado, sempre na companhia de Johnson. Gradualmente, foi conhecendo melhor os residentes, sobretudo aqueles que também se levantavam cedo para a jornada de trabalho. Passadas algumas semanas já lhes dava os bons dias. Eram gente simples, caras carregadas de trabalho pesado, mas nem por isso menos cordiais. Tiravam o boné e murmuravam um cumprimento de retorno.

Foi numa dessas idas para o centro da cidade que o capitão se cruzou com Amélia. Era manhã cedo e, tendo-se atrasado um

pouco, Hill deu de caras com Amélia que ia a sair de casa no mesmo momento em que o capitão saía do forte. Olharam-se e Hill apressou-se a cumprimentá-la.

- *Good morning, Madam!*

Amélia baixou a cara, mostrando um leve sorriso, e cada um seguiu o seu caminho em direcção ao centro da cidade. Hill acelerou de tal modo o passo que Johnson não o conseguia alcançar. Parecia que ia apagar fogo! Johnson teve de correr para alcançá-lo e quando já estava mais próximo ouviu o cantarolar de Hill. Sorriu e não teve dúvidas que o capitão estava encantado pela formosa rapariga.

Amélia chegou ao trabalho um pouco afogueada e, por mais que tentasse disfarçar, não conseguia esconder que algo de diferente se passava. Os seus pensamentos estavam lá na calçada de pedra preta rolada. Que distinto! Que educação! E aqueles olhos azuis! Azuis como o mar naqueles dias de sol brilhante, azul tão transparente que se vêem as pedras do fundo.

Nos dias que se seguiram, Hill ansiava pelo dia em que tinha de se deslocar a S. Lourenço. Levantava-se ainda mais cedo, arranjava-se e acabava por tomar o pequeno-almoço só, já que Johnson aproveitava mais uns minutos de sono. Quando o cabo chegava à sala de trabalho do capitão, este já estava pronto há mais de uma hora. Embora soubesse o motivo de tal prontidão, não se atrevia sequer a comentar. Sorria apenas, perguntando:

- Pronto, capitão?

- Prontíssimo - respondia invariavelmente Hill, com um sorriso

largo no rosto.

Passaram-se largas semanas. Amélia foi-se acostumando ao cumprimento afável do capitão que dia sim, dia não encontrava a sair de S. Tiago, tão cedo como ela. Tentava imaginar o que fazia. Qual seria o seu posto? De onde vinha? Teria família? Nunca se atreveu a meter conversa. Quando chegava ao trabalho, a Sra. Wynter, a professora de alemão das meninas Temple, a quem Amélia confidenciou estes encontros casuais com o oficial britânico, não se esquecia de lhe perguntar se se tinham visto pela manhã.

No decorrer dos meses, as gentes da cidade iam-se habituando cada vez mais à presença da tropa inglesa. Contudo, era óbvio que a grande maioria não estava satisfeita com o facto da Grã - Bretanha ter entrado na ilha à força mas, na verdade, sentiam-se um pouco mais seguros. Sabendo que o conflito liderado por Napoleão se estava a intensificar e que por toda a Europa a ameaça aumentava quase dia a dia, era melhor prevenir do que remediar. A comunidade britânica estava sobretudo mais confiante. Temia largamente pelas suas vidas e com as suas tropas estabelecidas na cidade, sabia que quer os seus bens, quer as suas famílias estavam melhor protegidas. No caso de qualquer ataque, poderiam embarcar e tentar encontrar porto seguro.

A notícia da fuga da família real portuguesa para o Brasil também indignou os madeirenses. Era inacreditável! D. João VI, D. Carlota Joaquina, os oito filhos, D. Maria, mãe do monarca, e toda a corte, temendo a sua deposição ou até mesmo a morte, rumaram para o Rio de Janeiro, deixando o país ainda mais enfraquecido e escancarado às tropas francesas.

Foi nesta ocasião que os defensores da aliança com a Inglaterra aproveitaram para reforçar a importância dos benefícios das tropas inglesas na ilha. Amélia ouvia as calorosas discussões no escritório do Sr. Temple, e desde que cá estava o General Beresford, que era um vaivém naquela casa. Todos os dias os serões eram passados no grande salão porque o número de convidados aumentara. Tomavam chá, dançavam ao som do piano, liam a correspondência que chegava de Londres e, já noite dentro, os homens retiravam-se para a sala de fumo, aproveitando para jogar às cartas enquanto que as senhoras ficavam no salão conversando umas com as outras.

Certo dia, Hill acordou indisposto. Levantou-se, mas não foi capaz de andar. Queria lavar-se, vestir-se, mas não tinha forças. Ficou na cama, esperando mais alguns minutos a ver se recuperava. Nem por isso. As tonturas aumentavam, o seu corpo ardia em febre e acabou por desfalecer.

No andar de baixo, Johnson, já pronto para a saída matinal, estranhou o atraso do capitão. Perguntou aos colegas que chegavam se o tinham visto e, passados alguns minutos acabou por ir aos seus aposentos, onde o encontrou na cama, sem sentidos. Correu para pedir ajudar e lá encontrou o enfermeiro. Juntos, foram ter com Hill, que continuava febril e com uma respiração muito fraca.

Amélia tinha saído de casa e logo se apercebeu que o capitão não estava na rua. Andou mais devagar, parou junto ao Largo do Corpo Santo, fingindo que se detinha para uma oração matinal mais demorada, mas nada. Demorou-se ainda pela rua, olhando vagarosamente as pedras do calhau mas não havia sinal dele. Que teria acontecido? Porque não aparecia? Aquele *Good Morning* era já a

sua fonte de vida. Aquele som ficava-lhe no ouvido o dia inteiro e mesmo à noite, na sua cama, ouvia-o, sentia-o.

Quando chegou ao trabalho nem teve tempo de se ocupar com estes pensamentos. A filha mais velha da Sra. Temple, Victoria, estava em trabalho de parto. A cozinha estava um caos, água vinha, água ia, toalhas iam, toalhas vinham. Era uma agitação e Amélia teve que ajudar as criadas.

Entretanto, Hill recuperava levemente as forças. Comera um pouco de caldo com a ajuda de Johnson. O médico que entretanto o tinha vindo ver, prescrevera-lhe uma semana de repouso e por mais que Hill argumentasse que tinha responsabilidades, o Dr. Young não lhe deu alternativa.

Apesar de se sentir ainda fraco, Hill queria ir para a rua, tentar descobrir Amélia. Levantou-se, aproveitando um momento em que o seu ajudante Johnson tinha ido comer, mas a tontura que logo sentiu impediu-o de continuar. Tinha que arranjar alternativa, pensou. Se não podia vê-la, tinha de arranjar outra maneira de lhe falar. Não hesitou mais! Sentou-se na pequena mesa de til, e escreveu uma carta. Não sabia o nome dela, mas isso não importava. O que interessava era dizer-lhe o que sentia. Mostrar-lhe o quanto aquele cabelo castanho e aqueles pequenos olhos o fascinavam. Dizer-lhe o quanto ansiava pelo dia em que se encontravam, mostrar-lhe como seu coração batia tão forte que parecia querer sair cá para fora.

Quando Johnson regressou ao quarto de Hill este ainda estava sentado à secretária. Ia começar a ralhar-lhe quando este lhe disse:

-Toma, aqui tens esta carta. Vai para a porta do forte e espera o tempo que for preciso até a poderes entregar. Sabes o que quero dizer....

- Às ordens, capitão! - respondeu Johnson, - mas, por favor, fique agora na cama e não faça esforços. Não se esqueça das recomendações do médico.

E lá foi para a grande porta de madeira, à espera de encontrar Amélia. Eram quatro horas da tarde. Já não chovia, mas o vento soprava forte e Jonhson não tinha levado agasalho suficiente. Esperou mais de uma hora e nada. Já estava cansado e com fome. Pensou em voltar para o quartel mas pensou em Hill. Não, iria ficar. Tinha que entregar a carta.

Passada uma meia hora, viu uma figura esbelta que se aproximava. Parou ao pé da capela do Corpo Santo, olhou e entrou. Parecia ser ela mas não tinha a certeza. Correu. Tirou o boné e entrou na capela. Estavam lá dentro algumas pessoas e Johnson viu Amélia sentada a rezar. Voltou para fora e aguardou no pequeno adro. Não podia falhar, assim que ela saísse, entregar-lhe-ia o envelope.

Após uns minutos de espera, Amélia saiu e nem deu pela presença do soldado. Vinha embrenhada nos seus pensamentos. O inglês não tinha aparecido como de costume, pela manhã, e além disso o bebé de Victoria tinha morrido após o parto. Era uma menina, chamar-se-ia Isabella, como a avó, mas era tão fraquinha que não sobreviveu. Amélia tinha vindo rezar pela sua alminha e agradecer o facto da menina Victoria estar viva. Pelo menos, Deus tinha sido misericordioso. Tinha salvo a vida da menina e de certeza que

ela iria teria outro filhos.

Johnson aproximou-se sem que Amélia desse por isso, apresentou-se e entregou o bilhete. Amélia assustou-se, recuou levemente, olhou para todo o lado com medo de ser vista, ali no meio da rua a falar com um estranho, ainda por cima, soldado inglês, ela, moça casta e virtuosa. Embora não entendesse o que o soldado lhe dizia, conseguiu agradecer, sorriu e acelerou o passo em direcção a casa.

Quando entrou na pequena habitação, já a avó estava sentada à mesa, beliscando um naco de pão, tentando enganar a fome enquanto Amélia não chegava. Percebeu que a neta vinha com um ar carregado mas esperou até que esta lhe contasse o que a preocupava. Enquanto jantavam, a jovem relatou o que se tinha passado na casa do Sr. Temple e pediu desculpa à avó, por se ir deitar tão cedo. Disse que estava cansada e que o dia seguinte seria ainda mais complicado.

Quando se deitou, tirou a carta que trazia escondida, agarrou-a com as duas mãos junto do peito e ficou parada assim durante largos minutos. Depois, abriu o envelope e ficou a olhar para o papel. Nunca havia visto um papel tão macio e cheiroso. Encostou-o à sua face. Que suavidade! Sentiu um tremor! Olhou de novo. Viu as letras de tinta preta tão bem desenhadas. Não entendia o que diziam, mas a sua felicidade era bem maior que o entendimento. Sabia quem as tinha escrito e jamais imaginou que isso fosse possível. O seu coração rebentava de alegria. Conseguiu ler a assinatura. Hill. Era assim que ele se chamava.

No dia seguinte, levantou-se à hora do costume, lavou-se, vestiu-se, comeu um pedaço de pão com leite e apressou-se para o

trabalho. Apesar de saber que o dia ia ser particularmente difícil, sentiu-se cheia de força. Viesse o que viesse, nada iria deitar abaixo a sua felicidade. O inglês tinha-lhe escrito! Queria falar com ela!

Quando entrou na moradia, sentiu o negro que havia penetrado naquele lar, era o negro das pedras da calçada, o negro do calhau rolado da praia, do céu da noite escura. Respirou fundo e avançou com passo firme. Amélia trazia as cores fortes da natureza. Amarelo, laranja, lilás, vermelho, tantas como as buganvílias que alastravam no alpendre. Trazia o azul do mar que lhe enchia a vista, do mar que tinha trazido o soldado de olhos azuis. Amélia, vestida de negro, trazia o arco-íris no seu coração.

Pelas oito horas da manhã, começaram a chegar as pessoas que vinham apresentar as suas condolências. O trabalho era intenso. Chá, sumos, sandes, bolos. Ninguém tinha mãos a medir. Durante todo o dia, entraram e saíram da residência dos Temples, dezenas de pessoas. Todos vieram apoiar a família neste momento de dor, sobretudo os mais chegados. O cônsul Henry Veitch foi um dos mais madrugadores, tal como o Sr. Blandy e o Sr. Cossart.

Amélia trazia a carta do oficial no seu bolso. Esperava a oportunidade de falar com Mrs. Wynter para lhe pedir ajuda na tradução, mas infelizmente tal não foi possível. O momento não era oportuno e Amélia regressou a casa uma vez mais desconhecendo as palavras escritas por Hill mas imaginando mil histórias. Teve dificuldade em adormecer.

Mathew Hill continuava a arder em febre. O médico passou a noite a seu lado, tal como Jonhson, mas não puderam fazer mais nada. Hill faleceu por volta das cinco da manhã.

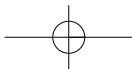
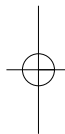
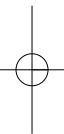
Amélia levantou-se ainda o sol não tinha nascido. Era o dia do funeral. Segundo a tradição, só os homens iriam acompanhar a cerimónia e, por isso, o movimento lá em casa ia ser menor. Todavia, as emoções estariam tão ou mais fortes que no dia anterior. A avó ainda dormia. Lavou a cara, vestiu-se e agarrou numa *semilha* para comer pelo caminho. Abriu a porta o mais silenciosamente possível para não acordar a avó e saiu. Ao pôr os pés na calçada, Amélia sentiu que o arco-íris a tinha abandonado. Parou mesmo em frente da porta principal da fortaleza de S. Tiago, olhou por momentos ainda na esperança de ver o seu inglês.

Subitamente, a porta abriu-se. Saíram dois soldados e depois mais uns quantos que seguravam um caixão de madeira. Começaram a andar, mas parecia que as suas botas estavam presas na calçada. Carregavam o peso do caixão e o peso da tristeza, da injustiça, do desalento. Amélia benzeu-se e, de repente, viu o soldado que lhe tinha entregue a carta de Hill. Cruzaram o olhar. Demoraram alguns segundos olhando-se fixamente sem nada poder dizer. Johnson baixou o rosto, correram-lhe as lágrimas e Amélia sentiu que o negro da calçada lhe subia pelo corpo e lhe cobria a alma.

JOÃO DUARTE OLIM

O ENGRAXADOR DO MERCADO

Menção Honrosa



Os primeiros raios primaveris de sol coroavam os montes e os edifícios de cor, fazendo rejubilar o amarelo-torrado das paredes do Mercado dos Lavradores, num processo cálido, igual ao que ataviava as fachadas das ruas de um recanto africano pachorrento. Reinava um crescente bulício nas imediações deste armazém. Os agricultores, oriundos dos vários quadrantes da ilha, descarregavam os produtos recheados de suor e brio. Eram de todos os géneros e feitios, de todas as cores e formas. A terra fecunda do campo prodigalizava frutos e verduras em profusão, mas exigia sacrifícios árduos, até atingirem o aspecto fresco, maduro e viçoso que conquistava o cidadão e era chamariz do visitante. Sediado na freguesia de Santa Maria Maior, o Mercado escancarava para os cidadãos portadores de insónias, ou aqueles madrugadores zelosos. Os outros vinham mais tarde, turistas que viam representada na panóplia de produtos, a magia da natureza da ilha.

Na parte traseira do Mercado, ali virada para a Rua da Boa Viagem, os transeuntes ouviam o eco vociferante dos vendedores que, em pregões, esgrimiam argumentos para vender o seu peixe. Respiravam-se aqueles eflúvios provenientes da safra que jazia capitulada nos balcões alvos de mármore. Eram filas de espadas pretas, e na época deles, atuns e gaiados. Noutros recantos do Mercado, misturavam-se odores de frutas, com fragrâncias de flores que as mulheres exibiam com graciosidade, vestidas de traje típico, ali sob as arcadas que acediam ao largo central.

O Serafim, miúdo natural da zona velha da cidade, aprontava a caixa preta, gasta pelo uso, com um pedal metálico reverberante, num recanto defronte da entrada do Mercado, preparando-se para engraxar o calçado de turistas e outros imprevidentes no asseio dos sapatos. Fazia-o por herança da profissão do pai, entretanto colocado como artesão na Fábrica de Chapéus, em plena Rua Santa Maria. Tinha de se contentar em limpar os sapatos dos outros, enquanto calçava umas sapatilhas esfarrapadas. Apesar dos seus tenros dezasseis anos, exercia a actividade com afinco, sendo mais requisitado que os outros engraxadores de profissão que se posicionavam nas proximidades.

Entre crisântemos, dalias, orquídeas, estrelícias, proteias e demais ramagens, perdia-se a Dona Rosa, baptizada assim pela sina de vender flores. Trabalhava no interior do Mercado, ali paredes-meias com a actividade do Serafim. Era sua amiga, tendo a caridade de, por vezes, lhe oferecer uma fruta ou uma sandes, pois o miúdo era descuidado e a orfandade de mãe deixara-o perdido na sua imberbe condição. Comiserada, Dona Rosa zelava pelo rapaz, dando-lhe a guarida matriarcal. Era vizinha de casa, lá para os arrabaldes da praia de São Tiago. Ali mesmo, encafudado pelo Forte do mesmo nome, outrora protector de investidas de corsários, agora observador e conivente com as aventuras fugidias do Serafim. Eram clandestinas, pois, na opinião do pai, as incursões ao mar não lhe ditavam qualquer ventura, além de estar atreito a relações com gente-do-calhau, pouco prestigiada por aquelas bandas. Das muralhas, encimadas pela pedra vermelha do Forte, avistava-se o Porto do Funchal.

Assim que as ruas da cidade despovoavam, o Serafim regressava a casa, carregando às costas a caixa onde reunia as latas de graxa, cremes, escovas, panos e demais atavios de sapatos. Tinha de prestar contas ao pai - o Sr. Joaquim -, que reunia o mísero montante do seu ganho ao da sua actividade de artesão, totalizando uma ínfima quantia para sustentar os seus quatro filhos. À revelia do mentor, o Serafim ia amealhando as gratificações provenientes de caprichosas gorjetas. Tinha o fito de comprar um óculo de mergulho e umas barbatanas para poder explorar a costa anexa à praia de São Tiago. Por agora, juntava-se com alguns miúdos dali, também eles afeiçoados aos aromas marítimos. Mergulhava sem equipamento, mas o sonho de explorar a costa com outras condições, fosse para colher umas lapas, andar na apanha dos caranguejos ou simplesmente explorar a vida subaquática, fascinava-o sobremaneira. Era de somenos importância a hora de almoço, abdicando frequentemente desta refeição para dar um mergulho clandestino a meio do dia. Fazia-o sub-repticiamente, à revelia do pai, não fosse um circunstante bufar-lhe que o filho se esquivara de engraxar calçado no Largo dos Lavradores.

Ao seu desamparo, valia a benquista Dona Rosa. Aconselhava-o nas vezes que o rapaz ia lá a casa, espreitando pelo postigo que costumava iluminar um dos passatempos em que se entretinha: o bordado. A rádio ia trazendo novas: notícias e músicas; na volta, exorcizava a solidão. A senhora era viúva e vivia sozinha. Era conhecida por contar muitas histórias. Teve apenas um filho que perdera a vida num fatídico acidente na África do Sul, para onde tinha emigrado em busca de melhor sorte, e para

escapular-se à guerra colonial e aos horrores do caudilho da pátria. Volta e meia, o Serafim retribuía a gentileza e bondade da mulher, prostrando-se num canto a ouvir algumas das histórias. Algumas provocavam muito enfado, impacientando-o. Porém, como miúdo obediente, lá se esforçava a ouvir. Enleados por anos de convivência mais próxima, o rapaz sentia um grande afecto pela senhora, havendo reciprocidade a rodos neste sentimento.

Certo dia, vistas e revistas as lojas de desporto do Funchal, contados e recontados os escudos que iam sobejando da sua actividade de engraxador, Serafim comprou o tão desejado óculo e as barbatanas. Não se conteve de contentamento, atravessando o Funchal a uma velocidade galopante. Apressou-se a esconder o equipamento na casa da D. Rosa, após lhe confidenciar a aquisição. A senhora, ciente dos riscos, pediu-lhe cauto, mas não negou a solicitude de guardar o equipamento em casa, para que o pai não soubesse, nem daí resultasse uma sova inclemente. Doravante, os seus mergulhos nas imediações da praia de S. Tiago seriam nítidos como o horizonte, após uma tempestade severa. Poderia permanecer mais tempo no fundo e deslocar-se com maior rapidez, por acção das longas barbatanas.

Numa tarde preguiçosa de Domingo, vagabundeando pela Rua Santa Maria, alcançou o Largo do Socorro. Foi surpreendido por uma celeuma provinda do litoral. Debruçando-se no muro, assistiu a um espectáculo que lhe gelou o sangue e esfriou a medula. Lá em baixo uns homens erguiam um lobo-marinho, ensanguentado, ainda estrebuchando na estrutura do pontão da Barreirinha. Ao largo vogava uma traineira e, dela, projectavam-se olhares feri-

nos que trespassavam o corpulento animal. Azoados, vociferavam; os apeados no pontão, riam boçalmente de satisfação perante a carnificina que assistiam. Zurziam o animal, impiedosamente. Este teria à volta de três metros de comprimento. Debatia-se numa luta desesperada contra a morte. No seu corpo negro, corpulento, aclarado na zona do abdómen, viam-se golpes por onde escorria, abundantemente, sangue aos esguichos.

Recordava-se de já ter ouvido falar dos lobos-marinhos num programa radiofónico e noutros fragmentos de informações e ilustrações alusivas ao animal. Sabia que eram muito raros, mas aquele episódio deixara-o revoltado ante estas cruentas acções dos pescadores.

Ainda mal refeito do choque, numa manhã resplendorosa de sábado, o Serafim desceu ao calhau, que, no seu passo garoto, distava cinco minutos de casa. Viu barcos a pontuarem a baía, de cada vez que vinha à superfície respirar após um mergulho. Invariavelmente trazia algumas lapas. Enquanto as capturava, o António e o Rui, que o acompanhavam, deleitavam-se com o petisco. Eram amigos que se juntavam na confluência daquele mar, com aquele litoral recortado de negro, inserido na formosa baía. Adoravam capturar seres marinhos, e no caso das lapas, trincavam-nas vivas, usando a concha da própria lapa para retirar a carne suculenta da seguinte, e assim sucessivamente. Petiscavam igualmente os caranguejos vivos, chupando-lhes as patas. A maré estava baixa. O Sr. Joaquim nem sonhava que o filho já mergulhava, mostrando uma apreciável resistência e propensão natural para o mar, fazendo fé na reputação famigerada entre os amigos.

Foi num desses mergulhos que o Serafim retomou à tona e gritou: "vi um polvo, meteu-se entre as rochas!". "Um polvo? Ena!" - exclamou o António. "Passa o arpão, Rui!" - gritou exasperadamente o Serafim. O arpão chegou às mãos do rapaz que, inspirando forte, voltou a desaparecer no fundo. Volvidos instantes, voltou à superfície e exclamou com desânimo: "afastei uma rocha, mas o polvo escapou-se", disse. Nisto exclamou: "esperem, vi um vulto!..." Erguendo o rabo, sumiu-se naquelas águas calmas e cristalinas. Voltou à superfície algo assombrado, mas quando lhe questionaram sobre o pretenso vulto, nada proferiu, preferindo deixar-se boiar à superfície, observando o fundo do seu óculo. Do respiradouro arfava o ar encanado e ofegante. Voltou a mergulhar e permaneceu tanto tempo lá em baixo que os amigos chegaram a inquietar-se com o inusitado tempo da apneia. Quando emergiu, refez-se do oxigénio e veio até ao calhau. "O que é que viste? Falaste de um vulto!" - indagou o Rui. "Não foi nada..." - respondeu laconicamente o rapaz. Os outros entreolharam-se resignados. Juntaram as coisas e foram para casa.

No dia seguinte, ao invés de ir à missa, por imposição do pai, escapuliu-se, ainda estremunhado, para a praia. Pouco passava das sete da manhã. Esperava-o um mar calmo. Inalou a maresia matinal e, depurado, fez-se à água, munido do óculo e barbatanas. Mergulhou no mesmo local do dia anterior, onde tinha avistado o vulto misterioso. No seu íntimo, ele identificara um lobo-marinho, mas deteve-se para não revelar o inesperado encontro, para não voltar a sentir a ferocidade humana contra aquele animal, reflectida nas lembranças do lobo-marinho maltratado no Cais da Barreirinha.

Após algumas tentativas, a curiosidade daquela foca juvenil atreveu-se a aproximar. Rondava-o à distância e o rapaz fitava-a sempre de frente, de precaução. Tratava-se de um lobo-marinho jovem, aparentemente perdido. Inicialmente assustou-se com o insólito encontro, mas a noite anterior tinha servido de conselheira para tomar a decisão e, de forma abnegada, voltar a tentar o reencontro. Ali estava, determinado, com coragem e imbuído de pertinácia.

Decorridos poucos instantes, estava a ser alvo de investidas de reconhecimento do animal. Nadava com tanta perícia e insinuava brincadeira, rebolando, fazendo piruetas, curvando em velocidade estonteante, até aproximar-se ligeiramente do rapaz. Retorcia-se com agilidade. O lobo jovem não tinha mais de um metro de comprimento; possuía umas manchas brancas nas barbatanas dorsais, parecendo desamparado. Serafim questionou-se se não estaria perante a cria do lobo-marinho que tinha sido alvo da crueldade dos pescadores.

Apesar de ambos os seres permanecerem assustados, a aproximação foi sucedendo. Paulatinamente mais próxima. A desconfiança inicial dissipou-se na receptividade de ambos se inter-relacionarem. O Serafim tinha receio que o lobo-marinho fosse descoberto por sanguinolentos, homens boçais sem escrúpulos para os quais, só o ser humano tinha o direito de pescar e predar outros peixes.

Não conseguiu sustar esta empolgante novela da natureza, resolvendo confidenciar os encontros insólitos à Dona Rosa. Esta ficou estarecida. O Serafim estava a expor-se a um animal selvagem

que, ao mínimo descuido, fulminaria o rapaz com um ataque feroz. Procurou aconselhá-lo a não interagir com a foca. Admitiu, por força da prudência que a imbuía, revelar este episódio ao Sr. Joaquim. Contudo, achou que este acto lhe imputaria remorsos pela tarefa que poderia recair sobre o Serafim, sem contar com os interditos e a previsível apreensão do equipamento de mergulho.

Resolveu aquietar o rapaz contando-lhe mais uma história supersticiosa, descrita como um poder mágico que, se dizia, alguns chapéus de palha teriam, se sujeitos a determinado ritual. Tudo isto surgiu no seguimento de umas dissertações sobre a profissão do pai. A Dona Rosa discorreu a sua narrativa, fazendo crer que certas almas professavam que, caso se dependurasse um chapéu de palha no galho mais alto de uma figueira, durante a noite de S. João, quem voltasse a usá-lo nessa data, nos anos subsequentes, ficaria temporariamente invisível. Segundo a versão da Dona Rosa, o encanto durava apenas quinze minutos, desfazendo-se gradualmente, começando pelo chapéu e terminando no corpo do enfeitado. Caso tirasse o chapéu, a magia perdia-se num relampejo. Além disso, o chapéu devia ficar bem firmado na cabeça. A senhora fitou o Serafim, enquanto este a escutava mais atentamente que o habitual. O rapaz perguntou: "quando é o dia de São João?". D. Rosa rodou a cara e relanceou o calendário com uma imagem de Nossa Senhora de Fátima. Volvidos instantes, disse: "depois de amanhã!". "Se quiseres tentar, posso oferecer-te um chapéu desses" - disse apontando para uns chapéus pendurados no bengaleiro. Era na verdade uma crença associada a magias negras ou rituais de bruxaria.

No dia seguinte, o jovem engraxador ergueu-se mais cedo,

preparou a caixa negra de pedal e dirigiu-se para o Largo onde deveria dar mais umas engraxadelas.

Na véspera de São João, não se livrou de uma valente reprimenda por chegar a casa após as vinte e três horas. De nada serviu a desfaçatez de evasivas de vária ordem. Para agravar a situação, trazia a roupa amarfanhada e vinha sujo e desarranjado. O pai ainda pensou que o rapaz se tivesse envolvido em contendas, mas não eram visíveis sinais de tumefacções ou nódoas negras, pelo que, ou o rapaz não tinha dado qualquer chance, ou outra desdita o tinha deixado naquele estado. Jantou indisposto, ouvindo o pai a debitar imprecações. Mal terminou, recolheu-se no quarto. Dormia num cubículo exíguo, sobre um beliche modesto, juntamente com o Florentino, o irmão mais novo. Tinham um pequeno rádio que os acompanhava até cerrarem os olhos.

Com a cobertura influente da D. Rosa, o Serafim conseguiu reunir alguns peixes miúdos que, por não reunirem os requisitos mínimos para a venda, eram destinados a moagem que seria utilizada na actividade pesqueira como engodo. De quando em vez, juntava um saco desses peixes e ia até à praia de S. Tiago. Os seus encontros com o lobo-marinho tornaram-se mais frequentes e culminaram com o arrojado de umas tímidas festinhas no dorso do animal. Além disso, presenteava a foca com aqueles peixes que levava. O lobo-marinho devorava-os com uma vontade sôfrega, e no final, a saciedade daquela carência era retribuída por umas divertidas acrobacias no fundo. O rapaz rejubilava por contribuir para alimentar aquela cria. A plenitude da interacção entre o animal e o homem, levou o Serafim mais amiúde ao mar. Nos dias que não o encontra-

va, entristecia. A saudade consumia-o. Tal como aquela que sentiu no fado que ecoava do Marcelino, Pão e Vinho, aquela casa simpática que trazia as recordações do peito, nos acordes plangentes da guitarra, na voz magoada da fadista, que evocara no Serafim, um chamamento nostálgico à mãe que já não tinha.

Sucederam-se mais alguns encontros do lobo com o Serafim. Normalmente ocorriam pela manhã, aos fins-de-semana. Cedinho demais para que o segredo pudesse extravasar as muralhas do Forte de S. Tiago. Além disso, os encontros eram marcados na profundidade, embora o animal precisasse de ir à superfície respirar. A D. Rosa era a confidente do rapaz, única depositária dos seus segredos. Confidências difíceis de velar na zona velha, na Rua Santa Maria e nas que se lhe cruzavam, propícias à proximidade, à promiscuidade e a outras ligações indizíveis. As fachadas opostas da Santa Maria opunham-se e atraíam-se. Os seixos redondos do empedrado da rua dispunham-se em fiadas, simetricamente orientadas, formando um mosaico estreito que tornava as portas todas próximas, privilegiando a partilha, mas também as desavenças. Os vizinhos tocavam-se, cheiravam-se... a mistura de cheiros dos cozinhados, nas horas de refeições, não permitia grande privacidade, revelando a escolha da receita, o peixe frito, o guisado de carne, ...enfim, as posses, a condição social.

Transcorrido um ano, o Serafim lutava arduamente contra a crise da profissão. Esta começava a revelar-se uma actividade rara, pouco rentável, mais condizente com um cartaz turístico, foco das objectivas dos turistas, do que alvo dos desmazelados do calçado. Por outro lado, o comércio oferecia uma gama de produtos para

que as gentes tratassem da limpeza e asseio do calçado, e os hotéis mais modernos, ofereciam escovas e graxas para limpar e lustrar os sapatos. Começou a sobrar tempo ao Serafim que o aproveitava para ir ao mar. Era compensado pelos encontros com o lobo-marinho.

No dia de São João, foi calcorreando a zona velha, subindo até ao Largo do Socorro. Ouviu brados azoados de pescadores, oriundos da zona da Barreirinha. Abeirando-se na amurada, espreitou do cima. Aparentemente tudo parecia normal. De chofre, das redes lançadas pelos pescadores, viu uma saliência arredondada e escura a emergir, e dois olhos negros que voltavam a desaparecer no fundo... Atónito, nem quis acreditar no que avistou. O lobo-marinho estava encurralado nas redes dos pescadores.

Desorientado, nem teve tempo para reflectir. Foi atingido por um lampejo que lhe anunciou o dia. A reacção foi imediata. Correu como uma flecha até casa e regressou com um chapéu de palha sobre a cabeça. Trazia um punhal metido nas calças, arma que o pai escondia na despensa. Num piscar de olhos desceu o lanço de escadas que dava acesso à plataforma que ligava ao pontão e observou expectante, transpirando raiva. Perdido, não sabia como agir, que missão o mobilizava... precisava de fazer algo. O lobo-marinho estava cercado pelas redes que o iam estrangulando, cingindo o cerco.

Os pescadores vociferavam imprecações, davam ordens, mas não disfarçavam o regozijo por mais esta caçada... Volvidos poucos instantes, cinco homens apeados no pontão, segurando cada um, uma ponta da rede, começavam a puxá-la. Nas ténporas do

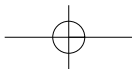
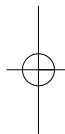
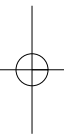
Serafim, o sangue entrava numa febril efervescência. Berrou: "PAREM!!" Olharam na sua direção, mas, estranhamente, parecem não terem fixado o olhar na sua presença. Desorientados, miraram para todos os lados, no fito de localizar o autor do brado.

Entregue à ousadia da loucura, assim que avistou a corpulenta forma do lobo-marinho a ser içado, tirou o punhal e correu resolutamente; assim que alcançou os homens, com a traineira a poucos metros, desferiu cortes na rede e começou a cortá-la de repelão. Um dos homens, vendo a rede ceder de um dos lados, ralhou com aquele que devia estar a segurá-la: "aguenta bem isso aí!". Dito isto, do seu lado, a estupefacção atingiu-o... diante de si, a rede parecia desfazer-se por cortes sucessivos. "Estranho! Eram fios de nylon, resistentes..." - pensou um deles.

De chofre a malha cedeu e entornou o seu conteúdo. Os homens estavam completamente aturdidos. Encolerizados, visavam-se uns aos outros com calão grosseiro, vociferavam, acusavam-se, enquanto o peixe e o lobo-marinho, caídos ao mar, piscavam-se para o largo. Um dos pescadores, assarapantado, articulou um comentário face ao que parecia avistar: "olhem lá ao fundo um chapéu de palha a andar no ar sozinho!". "E não está vento!", anotou. O líder da horda reprimiu-o esgazeado: "da próxima, se estiveres bêbado nem apareças!". "Esta agora... ver chapéus de palha, depois de perder o pescado", balbuciou irritado.

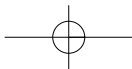
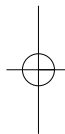
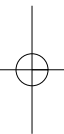
A meio da escadaria, o Serafim controlava a custo a respiração ofegante, descompassada. Olhava, derreado, para o desnorte dos pescadores que se insultavam sem tréguas. Fitou o chapéu que segurava na mão direita e sorriu. Os nervos apoderavam-se ainda

dos seus movimentos. Começou a recompor-se, galgando os últimos degraus do lancil de escadas. Estirou-se no Largo do Socorro, espraiando o seu cansaço no mar distante... protegido na rectaguarda, pela igreja do mesmo nome.



PEDRO VIEIRA

ATÉ AMANHÃ, PAI
Menção Honrosa



O tempo jorrado sobre as gentes, permanece sepultado sobre a vida, como se quisesse apenas deixar de passar ou existir.

Lá fora consigo ver a terra que foi minha. A nossa terra pai. Finalmente consigo pronuncia-lo. É-me difícil regressar. Tu sabes; é ouvir os nossos sorrisos alegres e sentir as minhas lágrimas a escorrer sobre o rosto e o firmamento do seu gosto nos meus lábios. Decidi voltar. Por ti...por nós...pelo que fizemos. Passaram tantos anos desde que parti ... e a vida é a mesma, o tempo e o lugar. Só eu mudei (talvez).

Lembro-me do dia em que me fui, na mesma caixa de ferro que regressei, olhando de soslaio o passado, lembrando com a tristeza dos teus olhos, a nossa ilha. Levei-te comigo. Deste lado da pele, onde se guardam as lembranças; onde o tempo não passa, e eu continuo a ser a criança que te acaricia os cabelos. "Vem daí, acompanha-me". Sussurrei-te. E entrei navegante, pelo mar, à procura de horizonte. Tu e eu...

Vagueei. Procurei chão e estenderam-me pó, procurei água e ofereceram-me oceano, procurei alimento e deram-me campo. E continuei contigo, no adjacente aos nossos sonhos, lavourando para pertencer a uma terra que não concebia o nosso sangue.

"Onde acharei lugar tão isento, apartado da tristeza, solitário para os nossos dias?"

"Onde tardará o tempo ser ter de quê?"

E vivemos, com o mar anterior a nós, nos meus medos; nas noites em que a comiseração passava e eu pensava escutar-te. Ao longe abria o sol, no abrupto Norte das nossas manhãs. Na linha severa, clara, do horizonte procurei-te, lugar nosso; felicidade conjunta para que voltasse-mos. Tu e eu pai...

Decidi perdoar-te. Descansar desta luta interminável que é perder-te, e não sentir remorsos de partires (abraçar-te). Eu sei; não tiveste culpa, talvez por isso voltei... e passei pela dor que é romper o mar e voltar às nossas raízes. Gritei noites e dias, olhando o abismo que é o céu: PAI, PAI, PAI, e a relembrar o nosso canto; NOSSO.

De novo a nossa terra. Como se nunca partíssemos. Eu e tu em lugares distantes...

Cheguei a esta terra. À volta pairam árvores, pessoas, paisagens, lugares de outrora (nossos locais). Por entre os meus passos, o brilho das pedras do passeio são o meu caminho. O meu destino.

O sol a poente, raiando como um Deus soberano, apodera-se de tudo - ilumina. E a manhã faz-se aos poucos, matreira, arrom-bando vagarosa as escarpas da ilha, cravejando à vista o seu fulgor verdejante. Porém, esta manhã é um tanto diferente das outras. Falta-lhe um brilho, um sustento, um fulgor. Estas manhãs são desesperadas, tardias, severas. As nossas eram calmas, serenas, feitas sob o cheiro do café e a torradas com doce e mel.

Hoje, tudo difere das nossas manhãs. De quando me davas

palminhas no dorso e me dizias "Toca a levantar!". Eu limitava a permanecer quieto, imóvel à espera que me vestisses.

As pessoas ao longe parecem não notar a minha angústia, a minha dor. Passam despercebidas pelo passeio da vida e vão-me deitando olhares de soslaio. Como se eu fosse invisível. Para elas a manhã não tem significado. É rotineira e isso é quanto basta. A rotina é tão imperceptível que quando damos por nós esta já alterou-se e vemo-nos na falta de coisas antigas, repetitivas e intermitentes.

A verdade é que agora já não há manhãs. Há tempo e há a desolação de te perder. Talvez a manhã tenha fugido, casado. Arranjado par e encontrado nova morada. Ou tu levaste-a num braçado para esse teu novo mundo para que possas recordar as nossas manhãs; mas essas papá querido, já não voltam. Estão guardadas naquele local onde o mundo é belo e claro. Onde o começo do dia cheira a borrões de café e a sonolência à mistura com o nosso amor.

Eis-me aqui. À beira de casa. Reconheço a custo as ruas que foram nossas e que passam agora esbaforidas com o vento. Um pouco tanto diferentes, os locais permanecem compactos, no local exacto onde os nossos sonhos existiram.

Lembro-me de quando era pequeno. De quando agaravas-me pela mão e caminhávamos pelas ruas varridas de Santa Maria Maior. Íamos pela calçada que hoje reflecte-se nos meus olhos mais gasta. E percorríamos aos poucos cada local que fugia com a manhã.

No gracejo de cada pio, a Zona Velha descobria-se por entre

cada voo de pássaro livre que rodopiasse. Em cada esquina os estabelecimentos abriam. Eu sabia-o porque o cheiro doce do café adentrava-se pelo meu corpo e instalava-se como um despertar repentino. As luzes ainda foscas pela noite apagavam-se e o sol cereal vestia as paredes das casas despidas pela cal. As pessoas caminhavam e sorriam...

Pelo espaço que trespassava os nossos dedos, o ruído dos ciganos a estender a mercadoria: "Olha a roupa da moda! É barato, é barato!". Eu sorria-te ou fazia uma cara de apelo quando os cães roçavam as pernas, enquanto fazias-lhes festinhas na cabeça.

Nas paragens as pessoas despejavam-se de encontro aos seus empregos ou na correria pela melhor compra no Mercado. No seu interior reinava a euforia. Nas caixas, as frutas colhidas em solo madeirense, roubavam a atenção a conhecidos ou estrangeiros e as flores emanavam o seu cheiro pelo ar. O peixe com toque a mar e a sal escondido no brilho vítreo dos seus olhos, resplandeciam na lota. E o pai explicava-me atencioso que aquele era o Sargo, aquele a Sardinha e o outro o Atum.

Hoje sei deslindá-los e descobrir quais são. Como sei de cor cada local que me deste a conhecer e que se esconde agora quase perdido, mas que reconheço como meu. Lugares que sofreram alterações com os anos, mas que não esqueço. Como a praceta que hoje é estacionamento, bares que são ornados restaurantes e terreiros onde nasceram jardins, teleféricos e chamamentos turísticos.

Uns permaneceram, outros não resistiram ao impacto do tempo. Como tu e eu... Mas não deixaste de existir porque eu existo, porque comporto cada sinal da tua alma, onde cada local remo-

to e extinto permanece derreado no clamor de cada manhã.

Ao fundo da rua morreram as casas no esquecimento da tarde. Os raios de sol ainda fortes, beijam as paredes gastas roubando-lhes a cor que se desfaz as ombreiras.

No número sete da Rua de Santa Maria dorme a nossa casa. Como se permanecesse à parte do tempo e das pequenas coisas que o vento levou. Nas janelas não existem tapassóis. Há um vidro baço que intersecta a vista para o interior. Diria que existes para além desse vidro. Que me esperas no interior de cada quarto ou de qualquer recanto que ficou por descobrir.

No jardim morreram as flores e a terra secou. No telheiro as abelhas montaram os seus ninhos e formaram residência. A casa imóvel e quieta suporta os compartimentos onde a escuridão sobrevive sem se esforçar. Uma habitação pequena que há tua ausência tornou-se ínfima, recheada de sombras e almas que funcionam como vozes à mercê das madeiras.

Atravessei o corredor e subi as escadas. Permaneço sentado no chão enquanto as minhas palavras ecoam pela memória triste dos dias. E depois, só depois reparei nos sons que a tarde trouxe, arrombando pelas portas semiabertas, uma nova luz. Senti os gritos da cidade nos meus ouvidos. Fiquei parado no breu das esquinas e tentei ouvir as nossas vozes rasgadas no eco da lembrança. Como uma réstia de esperança, os sons cresceram na casa como se fossem a tua voz. O mar bramindo, ouvia-se no estertor do peito e no bati-mento de cada válvula. A Barreirinha. O seu mar a destronar o cais

e a polir a rocha. O seu canto sentia-se por todo o lado. Primeiro pelas praias próximas e semblantes, depois estendia-se pelo Forte de São Tiago e corria as ruas até entrar na casa. Tenho saudades de sentir a sua água. De me jogar no horizonte nas tardes de Domingo que passavas comigo. De apanhar lapas, e de nos refrescar-nos. De correr pelo calhau roliço e descobrir na ilha destroços que o mar não levou. Como um barco naufragado ou retalhos de escombros que sobraram. Agora os escombros são esta casa. Como se o mar lhe tivesse entrado e arrastado a vida pelo infinito.

Decidi desdobrar-me. Percorrer a casa. Na cozinha os móveis perpetuados na solidão. O lume nem brando nem alvo não existe; senti saudades das tardes em que a mão por esta hora faria o jantar. O acendedor permanece o mesmo local onde o deixei. Tudo está no local exacto onde existiu, a não ser o caruncho desfeito da madeira sobre o chão e a alegria que partiu num sopro. Nos outros compartimentos a mesma dor. A mesma ilusão de te ver sentado no cadeirão. E eu corria pelo teu colo, pela tua mão passageira no avulhado dos meus cabelos.

Percorri minuciosamente cada local, até achar que todos estavam descritos na mesma solidão apática e reservada. Foi então que olhei ao fundo do corredor. Faltava um quarto...

O meu quarto como dantes, intocável. As paredes gastas num labor angustiante, lembram-me o quanto o tempo passou. E os bonecos. Os carrinhos. Os trapos. Farrapos que ficaram no tempo e marcaram a minha história. A nossa história, pai.

Na escrivania a tua foto. Moldada por entre uma escultura que eu fizera na primária. Lembro-me de tocá-la. O seu barro fresco e viscoso nas minhas mãos. A criação do quadro. Do teu quadro. E o sorriso da professora por entre o meu olhar de menino envergonhado: "Esforcem-se. É dia do pai. Há que oferecer uma coisa bonita". E eu esforçava-me como se aquele quadro fosse o meu coração e moldá-lo teria que ser de modo cuidadoso e calmo. Com amor. Para te entregar.

Depois eu de mãos dadas com a mãe. O quadro debaixo do braço enrolado em papel colorido. Um tesouro. Um cofre de moedas de ouro para uma criança de sete anos. Percorrendo o trajecto tão conhecido pela mãe. Os seus dedos nos meus, e a ânsia de te ver.

Por nós passava o tempo, que aos poucos corroía a tua ausência. Cansamos de esperar por uma notícia positiva e o remédio era avançar numa estrada calinada tantas vezes, no desespero de reverte pelo menos mais uma vez.

Na rua as pessoas olhavam-me. Sorriam-me. Por certo saberiam do nosso destino; talvez por isso o seu sorriso era doce e triste. E eu caminhava contente só por te ver...

A manhã era quase atroz quando descíamos do autocarro. Ficávamos a olhar o edifício. O sol encadeava os olhos com a altura e janelas enchiam tudo o que mais se quisesse ver. Eu seguia a mãe por entre a barra alva das suas saias na esperança que ninguém me visse. Corredores e escadas por onde se perder... E mais corredores e escadas, corredores e escadas.

No hospital o ar era denso. Um cheiro ocre invadia as narinas

e o estômago rebojava. As luzes brancas eram intensas e mais intenso era o tempo no olhar das pessoas. Silenciosos chegamos ao corredor do teu quarto. Hospital não era local de crianças, mas eu procurava esconder-me por entre a mãe aos olhares mais atentos. Até que alguma enfermeira nos visse e nos chamasse à razão. Sem que ninguém nos visse, avançávamos...

Ao fundo do quarto o teu corpo. A tua barba alva à volta dos dentes. Eu corria sozinho com o meu embrulho de eleição. Abracei-te com tanta força, que daria para moldar o mundo, juntamente com lágrimas que encheriam novos oceanos de mar e sal.

Tímido, desembulhei-te a prenda. A tua cara e os teus olhos fundos a olharem-me. A moldura entre nós. A tua foto. Os nossos sorrisos e o nosso abraço. A mãe a olhar-nos e a chorar. Se estivéssemos noutra ocasião, tudo seria diferente. Mas naquele momento a alegria eram lágrimas que escorriam sem cessar.

Ainda tenho esta moldura com o teu olhar envidraçado nela. O barro amarelado a enfeitar-lhe. A condizer com a tua pele, quando pela última vez te vi.

E as novidades foram ditas. As saudades ficaram ainda por matar e as tuas dores aos poucos sondaram a conversa. O relógio sem cessar, magnânime e sublime adiantou-se sobre nós. O tempo a passar sem ter de quê.

Antes de sairmos, os nossos braços voltaram a apertar-se e a envolverem-se. A mãe a olhar-nos. As lágrimas da despedida. Para trás ficavas tu e a tua velha sombra sobre os lençóis brancos. Fiquei a ver-te o quanto mais pude antes de partirmos. A gritar PAI, PAI,

PAI, para mim mesmo e a abraçar-te como ainda abraço, com as mesmas têmeoras do tempo.

Tudo passava por nós de novo. Um caminho de regresso. O olhar da mãe perdido no nada, perdido no teu. Os passos a adiantarem-se e o teu suor a acompanhar-nos. Por entre os nossos dedos, a fragilidade, a dor. A incerteza que é partir dos braços de quem amamos e rumar ao sabor do vento. A única certeza são lágrimas a escorrerem na face e a molhar os lábios que se adivinham salgados.

Ao longe o céu, como o de hoje. Aquele que trespassa o quarto sobre o qual pisaste tantas vezes. Agora que partiste ficou a lembrança, o desejo, a dor. Resta uma luz sublime que se arrasta pela casa, rompe as cortinas e doura a tua moldura cada vez menos amarelada.

Agora podia dar-te a mão. Estender-te o braço e tocar-te. Não sei se te vejo, porque deves ser o eu olhar a imaginar-te; mas consigo visualizar-te na perfeição. Estás no meu redor, na luz que escurece com a noite. A tua roupa tão clara a cobrir o teu corpo magro, os cabelos negros como o céu e a tua pele clara e ténue a anoitecer devagar. Dentro dos teus olhos há um fundo místico que cobre a tua existência e te comporta no silêncio da morte.

É no silêncio que nos encontramos. Que nos abraçamos como velhos amigos e damos as mãos. Como duas crianças soltas pelos campos ou um dente de leão a esmorecer na tarde. Dois homens do tamanho de uma espiga que se amam. O invólucro não

existe e é apenas passageiro. Só nós existimos. Digo-te o que de mais precioso tem na alma. Carregado de emoção as tuas palavras soltam-se verdadeiras: amo-te. E partes numa doce expressão de paz.

Recebi o teu recado, guardado nos teus olhos profundos e escuros e percebi finalmente que vivia. Vivo porque estou aqui. Porque caminhas no meu peito como uma centelha que me anima e acende. E vi em redor a beleza. A cor da noite igual às que trespassamos como uma lança profunda. E sorri... Finalmente cheguei a casa.

Acordei. Os olhos inchados ainda me ardem. Dormi mal esta noite. Porquê ele? Porquê ele me queria levar? Porquê?

Gritei. O som estoirou-se pelo meu quarto, estendendo-se aos restantes compartimentos da casa até à noite escura e densa. Nunca fui de medos mas hoje senti-o na espinha. Senti a mão quente na testa. Mãe? Claro. Conhecia o cheiro... o seu conforto fez-me dormir.

Minutos depois a alvorada entrava pela noite, aclarando tudo. Os olhos já não me ardem tanto, mas um calor ainda me sobe na cara.

- Vamos, está na hora! - Era meio-dia... Faltava uma hora. Apetecia-me agarrar aquela faca, aquela que eu fitava no lava-loiças... mas não! Isso é para os fracos...

13:00 Horas

O sino tocou... não queria entrar, mas era melhor. Porque

não dizer-lhe um último adeus? Acima de tudo, ele merecia.

A igreja fulminava-se na ardente luz das velas. No meio o maior ramo de flores e ainda mais no meio, lá estava ele... Um calor percorreu-me e corri para trás, mas não valia a pena. Voltei de novo e contemplei-o.

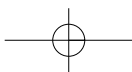
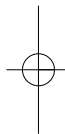
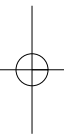
- Como está lindo hoje, meu querido! - O caixão avermelhado condizia com a minha camisola, o que fez não usá-la nunca mais. Dei-lhe um último beijo na face...

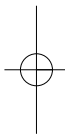
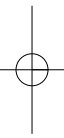
O caixão fechou. A parte superior gemeu ao encerrar. Mas não podia ser! Como me ia despedir de uma pessoa tão importante com um beijo? Saltei, agarrei a chave. A fechadura não abria mas consegui! Consegui vê-lo mais uma vez - conclui!

- Vá! Ele está bem, diz-lhe adeus!

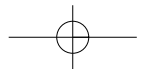
- Não mãe! Não tenho de lhe dizer adeus. - Fechei os olhos e os lábios mexeram:

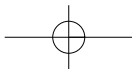
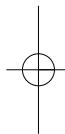
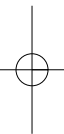
- Até amanhã, pai...





ACTA DO JÚRI





Acta do Júri do IV Certame Literário "António Feliciano Rodrigues (Castilho)"

Aos quatorze dias do mês de Setembro de dois mil e seis, entre as dezanove e as vinte horas, reuniu o júri do concurso do IV Certame Literário "António Feliciano Rodrigues (Castilho)," subordinado ao tema : "Conte uma História...," para proceder à sua classificação.

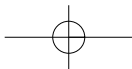
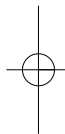
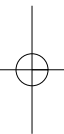
O Júri foi constituído por três elementos indicados pela Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, Maria Teresa Gonçalves Valério, Kátia Filomena Caldeira Vasconcelos e António Miguel Nunes de Freitas; a presidente da Assembleia de Freguesia, Maria Antonina Mourato Talhinhas Teixeira; e um elemento indicado pela Associação de Escritores da Madeira, Octaviano Guedes Correia.

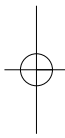
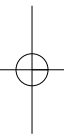
Dos vinte e sete contos apresentados, os três melhor classificados foram: 1º-Prémio "Maldição no Calhau", escrito por Maria Helena Lopes Mota Gonçalves; 2º- Prémio "Entre o Tempo e o Mar", escrito por Graça Maria Nóbrega Alves; 3º-Prémio "Hill e Amélia", escrito por Cláudia Maria Ferreira Faria Gouveia.

Os prémios têm o seguinte valor monetário: 1º Prémio, setecentos e cinquenta euros; 2º Prémio, quinhentos euros; 3º Prémios, duzentos e cinquenta euros.

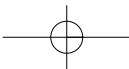
Os prémios serão entregues no dia vinte e nove de Setembro de 2006, no Museu de Electricidade - Casa da Luz, pelas dezanove horas, na presença de várias individualidades e dos concorrentes.

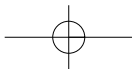
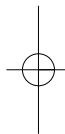
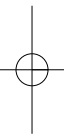
O júri decidiu ainda atribuir duas menções honrosas aos contos: "O Engraxador do Mercado" da autoria de João Duarte Olim Encarnação e "Até amanhã, Pai" de Pedro Marcelo Sousa Vieira.





REGULAMENTO





IV Certame Literário "António Feliciano Rodrigues (Castilho)"

Tema: "Conte uma História..."

A *Junta de Freguesia de Santa Maria Maior*, em colaboração com a *Associação de Escritores da Madeira (AEM)*, realiza em 2006, o **IV Certame Literário "António Feliciano Rodrigues (Castilho)"**, com o objectivo máximo de criar, incentivar e promover a escrita e a leitura junto da população madeirense, homenageando desta forma o poeta madeirense António Feliciano Rodrigues, mais conhecido por "Castilho".

Fruto da sua relevância e popularidade, considerou a Junta de Freguesia de Santa Maria Maior fundamental lembrar o autor da importante obra "Versos da Mocidade", cuja edição teve lugar em 1903, na cidade do Funchal, onde o seu pseudónimo, "Castilho", o tornou uma figura de relevo cultural com maior impacto no meio social do que o seu próprio nome.

Com este intuito realiza-se, em 2006, o IV Certame Literário cujo regulamento passamos a citar:

1. A *Junta de Freguesia de Santa Maria Maior* criou, em colaboração com a *Associação de Escritores da Madeira (AEM)*, o Concurso Literário intitulado "*António Feliciano Rodrigues (Castilho)*", cuja quarta edição terá lugar no decurso do ano de 2006.

2. A iniciativa, aberta a todos os interessados, tem por tema "Conte uma História...", devendo os textos serem escritos em prosa e em língua portuguesa. Todos os contos deverão fazer uma alusão à Freguesia de Santa Maria Maior. Esta alusão poderá ser de várias naturezas e ficará ao critério do(a) autor(a) do conto.
3. Os textos participantes deverão ser inéditos, não podendo ter participado em outros concursos da mesma natureza.
4. Os trabalhos apresentados deverão possuir, no máximo, dez páginas A4 informatizadas, com espaçamento duplo entre linhas, a 25 linhas por página e em coleções individualizadas de cinco cópias. Os textos deverão ser apresentados em formato *Microsoft Word for Windows*, com tipo de letra *Times New Roman*, tamanho 12, sendo acompanhadas de suporte digital (em disquete ou CD).
5. Cada obra concorrente terá de ser apresentado em envelope fechado, identificado por um pseudónimo, contendo, no interior, outro envelope, de novo fechado, com o mesmo pseudónimo na sua parte frontal, destinado a apresentar a sua verdadeira identidade, sendo este apenas aberto se o Autor for premiado.
6. Nas folhas do trabalho não deverá constar qualquer indicação sobre o concorrente, sob pena de este vir a ser excluído.

7. Os envelopes com a identificação do concorrente serão guardados em instalações de uso exclusivo do secretariado do concurso.

8. Os membros do júri não terão acesso aos dados pessoais dos concorrentes, cabendo ao secretariado do concurso zelar pela manutenção do sigilo durante todo o processo de apreciação e avaliação dos contos.

9. Cada candidato só pode apresentar um trabalho.

10. Os originais poderão ser remetidos por correio postal, registados com aviso de recepção, ou entregues em mão na sede da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior contra entrega de recibo, no Funchal, a partir de 20 de Junho até ao dia 31 de Agosto de 2006 (inclusive).

11. Não serão aceites trabalhos cuja data de carimbo dos correios seja posterior à data limite.

12. O Júri será constituído por cinco elementos: três indicados pela *Junta de Freguesia de Santa Maria Maior*, um pela *Associação de Escritores da Madeira* e pela Presidente da *Assembleia de Freguesia de Santa Maria Maior*, que deverão indicar a relação dos autores classificados até ao dia 26 de Setembro de 2006.

13. Os critérios de apreciação serão os seguintes:

- Criatividade / inovação;
- Qualidade literária;
- Organização;
- Coerência e coesão do texto;
- Obediência as características do género em questão.

14. A entrega de prémios será efectuada no dia 29 de Setembro de 2006, às 19 horas no *Museu de Electricidade - Casa da Luz*. A não comparência na cerimónia de entrega de prémios de qualquer um dos três premiados ou representante legal, implica desde logo a perda do respectivo prémio, não havendo qualquer tipo de recurso.

15. Serão três os prémios a atribuir, com os seguintes valores:

- 1º. Prémio, no valor de € 750,00 (setecentos e cinquenta Euros)
- 2º. Prémio, no valor de € 500,00 (quinhentos Euros)
- 3º. Prémio, no valor de € 250,00 (duzentos e cinquenta Euros).

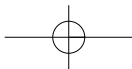
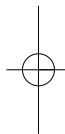
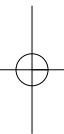
16. O Júri poderá, se o entender, atribuir Menções Honrosas e também sugerir, face à qualidade dos originais analisados, a sua divulgação pública através dos meios que considerar como os mais adequados.

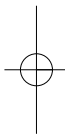
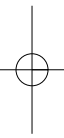
17. A *Junta de Freguesia de Santa Maria Maior* ficará como fiel

depositária de todos os textos apresentados a concurso, podendo utilizá-los nas suas iniciativas futuras, não sendo os mesmos devolvidos, em nenhum caso, aos concorrentes.

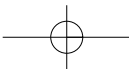
18. A entrega dos originais pelos concorrentes representa, em si mesma, uma declaração do conhecimento e da aceitação do Regulamento, o qual terá de ser por estes respeitado.

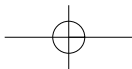
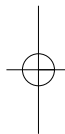
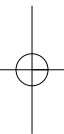
19. Das decisões do Júri não haverá recurso, cabendo-lhe a resolução de casos omissos.





NOTAS BIOBIBLIOGRÁFICAS





Graça ALVES

(n. Funchal, 1964), de seu nome completo Graça Maria Nóbrega Alves, Professora, licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, Variante Português / Francês. Foi agraciada com o *Prémio Horácio Bento de Gouveia* nos anos de 2004 e 2006 e com o 1º prémio no *I Concurso de Literatura António Feliciano Rodrigues (2003)*, certame onde alcançou o 2º prémio na II, III e IV edição. Publicou *O Sétimo dia*, edição da Câmara Municipal de S. Vicente; "O Vinho da Salvação" in *Contos com Vinho Madeira*; "A procissão", "Segredos", "Na espera" e "Entre o Tempo e o Mar" in *Santa Maria Maior - Com Palavras Nascem Histórias*, respectivamente, edições 1, 2, 3 e 4. A Câmara Municipal de S. Vicente publicará brevemente o seu conto "Foi o Mar".

Cláudia Faria GOUVEIA

(n. Funchal, 1971), de seu nome completo Cláudia Maria Ferreira Faria Gouveia, Professora, bacharel em Técnicas de Turismo (ISAL) e licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, Variante Inglês/ Alemão (UMa). É também Mestre em Cultura e Literatura Anglo-americanas (UMa). Publicou na Revista *Origens* "Emily Shore Journal -breves apontamentos" e "O baile de Ano Novo". O seu texto "Hill e Amélia" foi agraciado com o 3º-Prémio, no *IV Concurso de Literatura António Feliciano Rodrigues (2006)*.

Helena MOTA

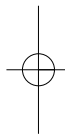
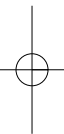
(n. Funchal, 1967), de seu nome completo Maria Helena Lopes Mota Gonçalves, Professora e Jornalista (free lancer), licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, Variante Português /Inglês, Ramo Ensino. Entre 1986 e 2000, exerceu, a tempo inteiro, a actividade de jornalista em vários órgãos de comunicação social da Região, tendo iniciado a sua carreira no *Jornal da Madeira*, passando depois pelo *Notícias da Madeira*, pelo *Diário de Notícias do Funchal* e finalmente pelo *Tribuna da Madeira*. Durante quatro anos, integrou a *Direcção Regional da Madeira do Sindicato dos Jornalistas*. Publicou vários trabalhos de carácter jornalístico e de opinião na imprensa da Madeira. Alcançou o 1º Prémio do IV Concurso Literário "António Feliciano Rodrigues (Castilho)", com o texto "Maldição no Calhau".

João Duarte OLIM

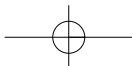
(n. Funchal, 1971), de seu nome completo João Duarte Olim Encarnação, licenciado em Engenharia Florestal pelo Instituto Superior de Agronomia em Lisboa. Colabora com a revista *Ilharq*, onde publica alguns textos de cariz poético. Foi agraciado com uma Menção Honrosa no *IV Concurso de Literatura António Feliciano Rodrigues (2006)*, com o texto "O Engraxador do Mercado".

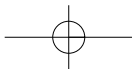
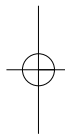
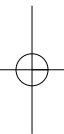
Pedro Marcelo Sousa VIEIRA.

(n. Funchal, 1989), estudante finalista do ensino secundário. Alcançou uma Menção Honrosa no *IV Concurso de Literatura António Feliciano Rodrigues (2006)*, com o texto "Até amanhã, Pai".



ÍNDICE





Introdução , 7

Maldição no Calhau, 11

Entre o tempo e o mar, 27

Hill e Amélia, 35

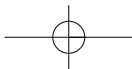
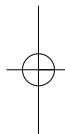
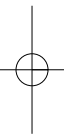
O engraxador do mercado, 51

Até amanhã, Pai, 67

Acta do Júri, 81

Regulamento, 85

Notas Biobibliográficas, 93



Junta de Freguesia de Santa Maria Maior

Rua das Murteiras

Centro Cívico de Santa Maria Maior

9060-199 Funchal

Tel: 291226683 Fax: 291226692

www.santamariamaior.com

stamariamaior@netmadeira.com

